

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Mestrado em Psicologia Clínica
Linha de Pesquisa: Estados Psicopatológicos e Abordagens Psicoterápicas

André Tavares Cardoso

Sexting: percepções de adolescentes e pais sobre o fenômeno e sua relação com aspectos familiares

Orientadora:
Profa. Dra. Clarisse Pereira Mosmann

São Leopoldo, dezembro de 2017

ANDRÉ TAVARES CARDOSO

***Sexting*: percepções de adolescentes e pais sobre o fenômeno e sua relação com aspectos familiares**

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em psicologia Clínica do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora:
Profa. Dra. Clárisse Pereira Mosmann

São Leopoldo, dezembro de 2017

C268s

Cardoso, André Tavares.

Sexting: percepções de adolescentes e pais sobre o fenômeno e sua relação com aspectos familiares / André Tavares Cardoso. – 2017.

73 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Porto Alegre, 2017.

“Orientadora: Profa. Dra. Clarisse Pereira Mosmann.”

1. Adolescência. 2. Família. 3. Adolescentes – Comportamento sexual. 4. Sexting. 5. Psicoterapia familiar. I. Título.

CDU 159.9:316.356.2

Agradecimentos

Agradeço, de forma muito especial, à Dra. Clarisse Pereira Mosmann, minha orientadora, primeiramente por aceitar me orientar nessa importante etapa de minha formação. Sua recepção, dedicação, paciência e disponibilidade dispensadas a mim durante todo o período do Mestrado foram fundamentais. Tenho muita admiração pela qualidade profissional, mas principalmente por sua humanidade, empatia e ética. A bondade e generosidade em repartir seus conhecimentos permanecerão com muito carinho para sempre em minha memória.

Também agradeço a valiosa ajuda da banca de qualificação, compostas pelas professoras doutoras: Caroline Rubin Rossato Pereira, Denise Falcke e Janaína Thaís Barbosa Pacheco. Suas contribuições foram muito importantes para o aprimoramento da minha pesquisa.

Por fim, agradeço à minha companheira e mais importante apoiadora, minha esposa Carina Kuhn Cardoso. Seu suporte em todos os momentos atenuaram o desprazer das ausências que, em função das exigências acadêmicas, experimentamos nesses dois últimos anos. Sua continente presença foi fundamental nessa caminhada e fez com que eu chegasse a esse momento. Obrigado!

Sumário

Resumo.....	06
Abstract.....	08
Apresentação	10
Artigo I.....	13
Resumo	13
Abstract.....	13
Introdução.....	14
Método	21
Resultados.....	23
Discussão.....	27
Considerações Finais.....	30
Referências.....	33
Artigo II.....	40
Resumo	40
Abstract.....	40
Introdução.....	41
Método	45
Resultados.....	48
Discussão.....	53
Considerações Finais.....	60
Referências.....	62
Considerações Finais.....	66
Referências.....	68

Anexo I	69
Apêndice I	70
Apêndice II	71
Apêndice III.....	72

***Sexting*: percepções de adolescentes e pais sobre o fenômeno e sua relação com aspectos familiares**

Resumo

Nesta pesquisa investigou-se a percepção de adolescentes e pais sobre o fenômeno denominado *sexting*. Caracteriza-se como o envio ou recebimento de conteúdo sexual, como vídeos e/ou imagens nuas ou de partes do corpo, por meio da internet. Dois estudos qualitativos e exploratórios foram realizados, utilizando-se como instrumentos a entrevista semiestruturada e o grupo focal. Os dados obtidos no grupo focal e nas entrevistas foram examinados pelo método de análise de conteúdo. No Estudo I foram feitas entrevistas semiestruturadas com seis adolescentes, entre 14 e 17 anos, de uma escola da região metropolitana de Porto Alegre, RS. Os resultados revelaram que o *sexting* foi visto como comum entre os participantes e que eles não consideraram o envolvimento no fenômeno como ruim, apenas o compartilhamento não autorizado de seu conteúdo. Também, os dados mostraram que os adolescentes perceberam o papel dos pais como importante no envolvimento do filho em *sexting* ativo. No Estudo II explorou-se o que pensam pais de adolescentes entre 12 e 18 anos sobre o envolvimento dos filhos em *sexting*. Foram reunidos dois grupos focais na mesma escola. Os participantes disseram não saber como lidar com o envolvimento dos filhos em *sexting*. A maior preocupação relatada foi com o risco da exposição pública do adolescente, e não tanto com o envolvimento em *sexting*. Os resultados da dissertação mostram que o envolvimento no fenômeno faz parte da vida dos adolescentes e, conseqüentemente, de suas famílias. Também que, apesar de pais e adolescentes compartilharem as percepções de que se envolver em *sexting* não é problema, mas sim o vazamento do conteúdo deste, os pais não se sentem preparados para lidar com o envolvimento do filho. Por fim, essas

constatações servem para orientar pais, pedagogos e terapeutas, especialmente os de família, no sentido de compreenderem um pouco melhor os pensamentos e atitudes de adolescentes e pais quanto ao *sexting* e a também proporem intervenções que visem melhorar a comunicação entre pais e filhos.

Palavras-chave: *Sexting*; Adolescência; Sexualidade; Família; Terapia de Família; Psicologia Sistêmica.

Sexting: perceptions of adolescents and parents about the phenomenon and its relation with familiar aspects

Abstract

This research investigated the perception of adolescents and parents about the phenomenon called as sexting. It is characterized as sending or receiving sexual content, such as videos and / or naked pictures or body parts, through the internet. Two qualitative and exploratory studies were carried out using semi-structured interviews and the focus group as instruments. Data from the focus group and interviews were examined using the content analysis method. In Study I, semi-structured interviews were conducted with six adolescents, aged 14 to 17 years, from a school in the metropolitan region of Porto Alegre, RS. The results revealed that sexting was seen as common among participants and that they did not consider involvement in the phenomenon as bad, only unauthorized sharing of their content. Also, the data showed that adolescents perceived the role of parents as important in engaging the child in active sexting. In Study II were explored what parents of adolescents between 12 and 18 years old think about the involvement of their children in sexting. Two focus groups were assembled in the same school from the first study. Participants said they did not know how to deal with their children's involvement in sexting. The highest reported concern was the risk of adolescent public exposure, rather than the involvement in sexting. The results of the dissertation show that involvement in the phenomenon is part of the lives of adolescents and, consequently, of their families. Also, although parents and adolescents share perceptions that engaging in sexting is not a problem, but rather

the leakage of the content of this, parents do not feel prepared to deal with the child's involvement. Finally, these findings serve to guide parents, educators, and therapists, especially those of the family, in order to understand the thoughts and attitudes of adolescents and parents about sexting, and to propose interventions aimed at improve communication between parent-child.

Keywords: Sexting; Adolescence; Sexuality; Family; Family Therapy; Systemic Psychology.

Apresentação

O avanço das tecnologias da informação e comunicação (TICs) trouxe consigo mudanças na forma de interação entre as pessoas. O uso dessas tecnologias, especialmente por meio da internet, tornou mais rápida a interação social e aumentou a quantidade de informação compartilhada entre as pessoas. No Brasil, os maiores usuários das TICs são os jovens e adolescentes (IBGE, 2016; Mello, 2016).

Junto com essas mudanças surgiu também a curiosidade de pesquisadores no mundo inteiro para entender alguns fenômenos ligados ao uso das Tics. Dentre eles está o *sexting*, definido como o envio ou recebimento de conteúdo sexual, como vídeos e/ou imagens nuas ou de partes do corpo, por meio da internet. O fenômeno é praticado por pessoas de diferentes faixas etárias e com objetivos diversos. Entretanto, o interesse dessa pesquisa recaiu sobre o *sexting* na adolescência. Isso se deu por dois motivos: a percepção, na prática clínica do pesquisador, do aumento de casos clínicos envolvendo adolescentes e compartilhamento de conteúdo íntimo por meio da internet; e o histórico recente de casos de suicídio de jovens que tiveram suas imagens espalhadas pela web (Portela, 2014).

A adolescência para os fins dessa dissertação foi entendida conforme o Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990), que a estabelece entre os 12 aos 18 anos. Nesse momento do ciclo vital meninos e meninas estão diante de demandas específicas, tais como: exploração, descobertas, busca por pertencimento, por novas sensações e demandas voltadas ao corpo e à sexualidade (Baumgartner, Sumter, Peter, Valkenburg, & Livingstone, 2014; Bezerra, Queiroz, & Oliveira, 2014; Macedo, Azevedo, Castan, 2010). Diante disso, alguns questionamentos surgiram: qual seria a função do *sexting* na

adolescência? Como os adolescentes percebem o envolvimento no fenômeno? O *sexting* traria algum tipo de risco? Qual a influência dos fatores familiares no envolvimento ou não do adolescente em *sexting*?

A ideia inicial foi pesquisar quantitativamente o *sexting* com adolescentes brasileiros a partir de estudos existentes. Entretanto, após pesquisa nas bases de dados, ficou constatado que o fenômeno ainda era pouco estudado no Brasil e, portanto, escassamente conhecido em profundidade. Por exemplo, em uma busca feita no portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) com os descritores “*sexting*” AND “adolescente” AND “família”, não foram identificados estudos nacionais. Além disso, os estudos internacionais focavam na relação entre aspectos da individualidade dos adolescentes e o fenômeno. Por exemplo, o *sexting* foi relacionado com idade, sexo (Choi, Wong, Lo, Wong, Chio, & Fong, 2016; Livingstone, S., & Görzig, A., 2014), uso de substâncias (Morelli, Bianchi, Baiocco, Pezzuti, & Chirumbolo, 2016; Rice et. al., 2012) e problemas emocionais (Temple, Le, van den Berg, Ling, Paul & Temple., 2014; Temple & Choi, 2014; Wolak, Finkelhor & Mitchell, 2012). Entretanto, a compreensão a partir do ponto de vista do adolescente em relação ao envolvimento em *sexting* ainda estava negligenciada.

A partir daí surgiu a necessidade de que, antes de tentar quantificar os aspectos relacionados ao *sexting*, se entendesse o fenômeno com mais profundidade e sob o ponto de vista dos envolvidos. Portanto, o presente estudo teve como objetivo geral investigar qualitativamente a percepção de adolescentes e pais sobre *sexting* e sua relação com aspectos familiares. Compreender como o tipo de monitoramento dos pais sobre o comportamento *online* dos filhos é percebido por ambos e sua influência sobre o envolvimento em *sexting*. Ainda, investigar como os adolescentes percebem as implicações da prática de *sexting* ativo e passivo e suas consequências.

Sendo assim, foram planejados e executados dois estudos qualitativos e exploratórios: um com adolescentes e outro com pais. Os participantes do primeiro foram seis adolescentes de uma escola da região metropolitana de Porto Alegre, RS entre 14 e 17 anos, com ou sem envolvimento em *sexting*. Eles foram entrevistados individualmente e o instrumento utilizado foi a entrevista semiestruturada, a qual foi gravada em áudio e vídeo. Para a realização do segundo estudo foram reunidos dois grupos focais compostos por pais de adolescentes com ou sem envolvimento em *sexting*. Por questões éticas, esses participantes não eram pais de nenhum dos adolescentes do primeiro estudo. Os dados foram analisados a partir do método de análise de conteúdo (Bauer, 2008; Gibbs, 2009) e à luz da teoria sistêmica.

Por fim, as considerações finais dessa dissertação apresentam as implicações dos resultados para o avanço do conhecimento sobre o fenômeno, bem como para a qualificação dos profissionais que lidam com adolescentes e suas famílias. As limitações do estudo são apresentadas junto com as sugestões para novas pesquisas.

Artigo I – Sexting: percepções de adolescentes e o papel das relações familiares

André Tavares Cardoso

Clarisse Pereira Mosmann

Pesquisas têm estudado o *sexting* entre adolescentes, porém no Brasil ainda são escassas. Estudos internacionais abordam quantitativamente aspectos da individualidade dos adolescentes, não considerando suas percepções e o papel das relações familiares. Portanto, o objetivo dessa pesquisa qualitativa e descritiva foi conhecer a percepção de adolescentes sobre *sexting* e sua relação com aspectos familiares. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com seis adolescentes. A partir da análise de conteúdo, os resultados mostraram que o fenômeno foi comum entre os participantes, os quais não o consideraram como problemático, mas sim o compartilhamento não autorizado deste. Também, ressalta-se o importante papel da família no desenvolvimento da atitude do adolescente quanto ao *sexting* ativo. Sugere-se que a atitude da família em relação ao *sexting*, bem como dos educadores e terapeutas, seja de não qualificar o fenômeno em si como problema e que os pais conversem com os filhos sobre sexualidade e os riscos de exposição.

Palavras-chave: *sexting*; adolescência; família; psicologia sistêmica;

Abstract

Researches have studied sexting among adolescents, but in Brazil they are still scarce. International studies quantitatively address aspects of adolescents' individuality, not considering their perceptions and the role of family relationships. Therefore, the purpose of this qualitative and descriptive research was to know the adolescents' perception about sexting and its relation with familiar aspects. Semi-structured interviews were conducted with six adolescents. From the content analysis, the results showed that the phenomenon was common among the participants, who did not consider it as problematic, but rather the unauthorized sharing of it. Also, the important role of the family in the development of the attitude of the adolescent regarding active sexting it is emphasized. It is suggested that the attitude of the family towards the sexting, as well as of the educators and therapists, is not to qualify the phenomenon itself as a problem and that parents talk with their children about sexuality and the risks of exposure.

Keywords: sexting; adolescence; family; systemic psychology;

Introdução

O advento das novas tecnologias de comunicação por meio da internet trouxe mudanças na forma de interação social. Além do contato face a face, as pessoas passaram a se relacionar também de forma virtual, especialmente os jovens e adolescentes (Assunção & Matos, 2014), que são os maiores usuários da internet via celulares e *smartphones*, tanto no Brasil quanto em outros países (IBGE, 2016; Korenis & Billick, 2014; Strassberg, McKinnon, Sustaíta, & Rullo, 2013).

Dentre as diferentes formas de uso do *smartphone*, está a troca de conteúdo sexual por meio de textos, imagens ou vídeos. Quando alguém produz e envia ou recebe conteúdos sexuais seus ou de outra pessoa, a literatura define esse comportamento como *sexting* (Rice, Rhoades, Winetrobe, Sanchez, Montoya, Plant & Kordic, 2012; Rood, Thackeray, Letson, Leder, & Berlan, 2015). Tal comportamento tem crescido e se tornado comum em diferentes tipos de relacionamentos interpessoais, incluindo namoro, encontros casuais e amizades, particularmente entre os jovens em idade escolar (Delevi & Weisskirch, 2013; Drouin, Vogel, Surbey & Stills, 2013; Strassberg, McKinnon, Sustaíta, & Rullo, 2013).

Entretanto, as pesquisas internacionais são heterogêneas ao relacionarem aspectos como sexo, idade e os motivos que levam os jovens ao envolvimento em *sexting*. Alguns estudos descreveram que as meninas são quem mais produzem e enviam *sexting* (Burkett, 2015; Döring, 2014) e que os meninos são os que mais comumente recebem tal conteúdo (Dir, 2013; Gordon-Messer, Bauermeister, Grodzinski, & Zimmerman, 2013). Temple e Choi (2014) diferenciaram tais comportamentos como *sexting* ativo e passivo. Definiram como *sexting* ativo o comportamento de produzir e enviar conteúdo sexual de si ou de outro, e como *sexting*

passivo o comportamento de receber tal conteúdo ou ser assediado a produzi-lo. Porém, de acordo com Englander (2012), a constatação de que as meninas são mais envolvidas em *sexting* ativo do que os meninos pode ser questionada, pois são elas que recebem mais pressão para produzir e enviar *sexting*. Além disso, Delevi & Weisskirch (2013) sugeriram que as mulheres são mais propensas do que os homens a se envolver em *sexting* dentro de um contexto de relacionamento íntimo e de confiança, com o fim de manter ou fortalecer o relacionamento. Já os homens, ao contrário das mulheres, parecem utilizar o *sexting* como meio para atrair alguém a uma possível atividade sexual futura.

Em relação à idade dos adolescentes, não há consenso na literatura se são os mais novos ou não os mais envolvidos em *sexting*. Na Inglaterra, os adolescentes mais velhos comparados aos mais novos estiveram mais envolvidos no fenômeno (Livingstone & Görzig, 2014). O mesmo foi encontrado no estudo de Rice et al. (2012) nos EUA. Em contrapartida, nos EUA o *sexting* foi bastante prevalente entre os menores de 14 anos (Rood, Thackeray, Letson, Leder, & Berlan, 2015). Sendo assim, cabe questionar se no contexto brasileiro isso se dá da mesma forma, uma vez que o uso do *smartphone* é comum entre adolescentes de diferentes faixas etárias (IBGE, 2016).

Quanto aos motivos para o engajamento em *sexting* há aqueles ligados a um contexto de relacionamento e os que não estão. Entre os primeiros aparecem o esforço para ser sexy, como forma de diversão, flerte, ganhar atenção do parceiro como expectativa de iniciar atividade sexual, como resposta a um pedido da outra pessoa ou ao fato de ter recebido *sexting* da mesma (Drouin et. al., 2013; Henderson & Morgan, 2011). Já os motivos que não envolvem namoro ou relacionamento afetivo aparecem como forma de brincadeira entre amigos, com objetivo de fortalecer a amizade e como uma moeda de popularidade (Albury & Crawford, 2012; Ringrose et al., 2012). Em uma

pesquisa no México, jovens também citaram problemas de identidade sexual, baixa autoestima, perceber-se socialmente discriminado, ser aluno novo na turma e tentar impressionar a outro com uma tentativa de iniciar um relacionamento (Mejía-Soto, 2014).

Portanto, uma vez que o *sexting* pode servir como meio de interação tanto em um relacionamento amoroso quanto de amizade é importante pensar sobre a atitude do adolescente em relação ao fenômeno. Strassberg, McKinnon, Sustaíta e Rullo (2013), em seu estudo com 606 adolescentes norte-americanos, descreveram que a atitude quanto ao envolvimento em *sexting* influenciou no fato de os adolescentes enviarem ou não conteúdo sexual. Os adolescentes que viam o *sexting* como errado foram os que menos enviaram imagens de si mesmos em relação aos que consideraram o comportamento como aceitável. Os participantes também descreveram como possíveis consequências de ser pego praticando *sexting* o recolhimento do celular, suspensão ou expulsão escolar, penas para pornografia, prisão, prestação de serviços comunitários e multa. Entretanto, é importante notar que a percepção a respeito de tais consequências recaiu sobre a possibilidade de serem pegos e não de estarem envolvidos em *sexting*, revelando que a prática do *sexting* em si não foi vista como ruim, mas sim a divulgação ou o compartilhamento não autorizado das mensagens. Isso se coaduna com o que descreveram adolescentes portugueses, de que a exposição da vida publicamente era o que mais os preocupava no uso intenso da internet (Assunção & Matos, 2014).

Entretanto, algumas pesquisas também demonstraram que o envolvimento em *sexting* pelos adolescentes esteve associado a problemas emocionais (Choi, Wong, Lo, Wong, Chio, & Fong, 2016; Livingstone, S., & Görzig, A., 2014; Ouytsel, Ponnet, & Walrave, 2017; Temple, Le, van den Berg, Ling, Paul & Temple., 2014; Temple & Choi, 2014;), a comportamentos sexuais de risco, como o não uso do preservativo

(Rice et. al., 2012), uso de violência no namoro (Morelli, Bianchi, Baiocco, Pezzuti, & Chirumbolo, 2016) e a implicações legais (Korenis & Billick, 2014; Wolak, Finkelhor & Mitchell, 2012). Esses resultados estiveram relacionados tanto aos adolescentes que receberam quanto aos que enviaram tais imagens.

Em relação às questões emocionais, Temple et. al. (2014) investigaram a associação entre *sexting* e saúde mental. Eles revelaram que o envolvimento em *sexting* esteve significativamente associado aos sintomas de depressão, impulsividade e uso de substâncias, mas não foi preditor de tais problemas. Pode ser que os jovens sob a influência de álcool e drogas fiquem mais desinibidos e vulneráveis ao envolvimento em *sexting* nessas circunstâncias. Talvez a relação entre *sexting* e o uso de substâncias seja espúria, possivelmente devido à existência de variáveis subjacentes compartilhadas entre os participantes, tais como amizades que favorecem envolvimento em atos infracionais ou características próprias da adolescência.

No que se refere aos comportamentos sexuais, Temple e Choi (2014) em seu estudo longitudinal descreveram que os adolescentes que enviaram imagens íntimas (*sexting* ativo) tiveram mais relações sexuais no ano seguinte comparados aos que não enviaram (*sexting* passivo). Isso leva a pensar que talvez o *sexting* se encaixe dentro do desenvolvimento sexual dos adolescentes e possa não necessariamente significar um problema para eles. De fato, a vivência da sexualidade na adolescência tem um papel normativo no desenvolvimento e por isso precisa ser estudada de forma integral e neutra, isto é, sem a pressuposição de que ela traz apenas riscos (Tolman & McClelland, 2011).

A partir disso, o *sexting* na adolescência pode também ser pensado como parte dessa fase do ciclo vital. Por exemplo, a busca por novas sensações, descrita como motivadora de *sexting* (Baumgartner, Sumter, Peter, Valkenburg, & Livingstone, 2014)

é também uma manifestação própria da adolescência, assim como a necessidade de pertencimento grupal, busca por autonomia e sensação de onipotência (Macedo, Azevedo, Castan, 2010; Steinberg & Morris, 2001) e, portanto, não ficando restritas apenas ao *sexting*.

Além disso, a adolescência é um período de muitas transformações e descobertas e os adolescentes estão em pleno processo de mudança do corpo, que biologicamente deixa de ser um corpo infantil para tornar-se reprodutivamente apto (Bezerra, Queiroz, & Oliveira, 2014). Eles também estão desenvolvendo novas formas de intimidade e são confrontados com a necessidade de aprender a regular o comportamento sexual e, assim, experimentam uma tensão entre o desejo de autossatisfação e o atendimento das expectativas sociais e familiares a respeito da sua sexualidade. Por exemplo, um estudo brasileiro mostrou que os meninos vivenciaram a expectativa dos pais para o início precoce da atividade sexual, por ela ser vista como símbolo de maturidade para eles (Oliveira, Béria, & Schermann, 2014). Portanto, pode ser que o envolvimento dos adolescentes em *sexting* sirva como uma forma de vivência dessa sexualidade entre eles, já que na família ela ainda é vista como tabu pelos pais (González, Orcasita, Carrillo & Palma-García, 2017; Sevilla, Sanabria, Orcasita, & Palma, 2016).

Muitos pais não conversam com os filhos sobre o tema da sexualidade por atribuírem um valor negativo a ele, pela dificuldade de aceitar a sexualidade dos filhos, por acreditarem que falar estimula os filhos a praticarem sexo (Gonçalves, Faleiro & Malafaia, 2013) e por se sentirem despreparados e tímidos para tratar do tema com eles (Sevilla et. al., 2016). Adiciona-se a isso o fato de que, na escola, muitas vezes a educação sexual se resume aos aspectos biológicos, reprodutivos e não supre as ansiedades dos adolescentes, desconsiderando as dimensões prazerosa e benéfica (Gonçalves, Faleiro & Malafaia, 2013).

Sevilla et. al. (2016) descreveram em seu estudo que os pais tinham mais dificuldade em falar sobre sexo com seus filhos do que as mães. Quando aconteciam conversas sobre sexualidade, elas se concentravam na proteção das mulheres e na promoção da sexualidade para os homens e a maior fluência no diálogo se dava entre os subsistemas mãe-filha e pai-filho. Além disso, houve discrepância na percepção entre os pais e os adolescentes no sentido de que, para os pais, seria suficiente apenas mencionar de forma diretiva certos tópicos sobre sexualidade, enquanto a expectativa dos filhos era de que eles discutissem valores e dinâmicas de experiências sexuais. Isso talvez explique porque os amigos e a internet são as maiores fontes de informação sobre sexualidade entre os adolescentes (Marola, Sanches, & Cardoso, 2011), o que aponta para a possibilidade de o uso das tecnologias ser mediador dessa troca de informações.

Visto que as famílias ainda têm dificuldades em abordar o tema sexualidade com seus filhos é importante investigar como, em relação ao *sexting*, a comunicação entre pais e filhos intermediaria o envolvimento destes no fenômeno. Sabe-se que a comunicação entre os subsistemas na família é fundamental para uma boa interação entre eles (Nichols & Schwartz, 2007; Vasconcellos, 2013) e que o diálogo com os pais tem efeito protetor na vida dos adolescentes (Gomide, Salvo, Pinheiro & Mello, 2005; Tomé, Camacho, Gaspar De Matos, & Diniz, 2011). Por exemplo, Moscoso-Alvarez, Rodríguez-Figueroa, Reyes-Pulliza e Colon (2016) indicaram que a comunicação entre pais e filhos, teve um papel importante na saúde mental dos adolescentes de Porto Rico. Sendo assim, questiona-se se o *sexting* entre adolescentes pode ter algum papel na comunicação entre pais e filhos sobre sexualidade, assim como servir como fonte de informação sobre ela.

Além do diálogo familiar é consenso na literatura que também as atitudes e os comportamentos dos pais influenciam os filhos (Ferreira, Nelas, Duarte, Albuquerque,

Grilo & Nave, 2013; Toni & Silvares, 2016; Moscoso-Alvarez, Rodríguez-Figueroa, Reyes-Pulliza & Colon, 2016), o que obviamente inclui a sexualidade. Em El Salvador, as atitudes da família e dos amigos influenciaram o início da vida sexual dos adolescentes participantes de um estudo (Ruiz-Canela, López-del Burgo, Carlos, Calatrava, Osorio & Irala, 2012). Nele, a percepção de que os irmãos e amigos apoiam as relações sexuais esteve associada com maior probabilidade de os adolescentes praticarem sexo. Como fatores protetores estiveram: supervisão dos pais, receber mensagens de amigos ou irmãos apoiando a abstinência sexual e o apoio ao matrimônio por parte dos pais.

Adiciona-se ainda que o comportamento dos pais, tanto virtual quanto na vida fora da internet, induz à repetição do mesmo comportamento nos filhos. Lam e Wong (2015), por exemplo, mostraram que o vício de internet dos pais influenciou o vício de internet dos filhos. De forma semelhante, o uso de substâncias e uso de álcool pelos familiares aumentou a possibilidade de consumo pelos adolescentes no estudo de Raphaelli, Azevedo & Hallal, (2011). Por outro lado, a proximidade familiar, a relação positiva com os pais e o monitoramento parental funcionam como fatores de proteção para que os adolescentes não se envolvam em alguns comportamentos de risco, tais como abuso de álcool e atividade sexual sem preservativo (Kan, Cheng, Landale, & McHale, 2010; Ciariano, Kliwer, & Rabaglietti, 2009; Roche, Achmed & Blum, 2008).

É relevante ressaltar que a maioria destes estudos é de caráter quantitativo e não enfatizam as percepções dos adolescentes, além de se referirem aos contextos internacionais. No Brasil, pesquisas sobre *sexting* ainda são escassas. Diante disso, é importante a realização de pesquisas, especialmente qualitativas, para conhecer esse fenômeno em profundidade. Portanto, o objetivo dessa pesquisa qualitativa e descritiva

foi conhecer a percepção de adolescentes brasileiros entre 12 e 18 anos sobre o comportamento de *sexting* e sua relação com aspectos familiares.

Método

Delineamento

Foi realizada uma pesquisa qualitativa (Creswell, 2010), de caráter exploratório e descritivo para entender os significados individuais que as pessoas atribuem a determinados fenômenos e o que estes representam (Gibbs, 2009).

Participantes

Os participantes foram seis adolescentes (Turato, 2008), três meninas e três meninos, com faixa etária entre 14 e 17 anos (Brasil, 1990) de uma escola pública da região metropolitana de Porto Alegre, com ou sem envolvimento em *sexting*. Os indivíduos, apresentados na Tabela 1, foram convidados a participar por meio de divulgação da pesquisa na escola e também por indicação. Aqueles que aceitaram assinaram o Termo de Assentimento (Apêndice I) e trouxeram o Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado pelo responsável legal (Apêndice II).

Tabela 1. Caracterização dos participantes

Participante	Idade	Série	Vive com:	Já experienciou <i>sexting</i> ativo?	Já experienciou <i>sexting</i> passivo?
Entrevistada 1	16	1º Ano do Ens. Médio	Mãe, irmão mais velho e padrasto	Sim	Sim
Entrevistada 2	15	1º Ano do Ens. Médio	Mãe e irmã mais velha	Não	Sim
Entrevistada 3	14	9º Ano do Ens. Fundamental	Pai, mãe e irmão mais velho	Não	Sim

Entrevistado 4	17	3º Ano do Ens. Médio	Mãe, irmã e padrasto	Não	Sim
Entrevistado 5	15	1º Ano do Ens. Médio	Pai e mãe	Não	Sim
Entrevistado 6	16	2º Ano do Ens. Médio	Pai, mãe e irmã mais velha	Sim	Sim

Instrumentos

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista semiestruturada. Foram utilizadas as seguintes questões temáticas disparadoras: 1) Você conhece o termo *sexting*? O que você conhece sobre o compartilhamento de conteúdo íntimo sexual por adolescentes? 2) Quais seriam, em sua opinião, os motivos que levam os adolescentes a se envolverem em *sexting*? 3) Você conhece alguém que já vivenciou o envolvimento em compartilhamento de conteúdo íntimo sexual? Como foi essa experiência? Quais foram as consequências percebidas? Como reagiria se acontecesse com você? 4) O que você pensa sobre as consequências do envolvimento em compartilhamento de conteúdo íntimo sexual para o adolescente? E sobre as consequências para a família? 5) Como você percebe a relação entre o comportamento *online* dos pais, o tipo de monitoramento sobre a vida *online* dos filhos e o *sexting*?

Procedimentos de coleta e análise dos dados

Após o fornecimento de autorização escrita por parte da direção da escola (Anexo I) e da aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Unisinos, sob o parecer CAAE 62448016.7.0000.5344 para a realização da pesquisa foi feita a divulgação da proposta junto aos alunos. Aqueles que manifestaram interesse se inscreveram na secretaria da escola, a qual passou os contatos para os pesquisadores, que forneceram as

informações necessárias, explicando os objetivos e as etapas da pesquisa. Nos dias marcados para a realização da entrevista os pesquisadores foram até a escola. As entrevistas foram examinadas utilizando-se o método de análise de conteúdo (Bauer, 2008), agrupadas em categorias *a posteriori* (Gibbs, 2009) e à luz da teoria sistêmica (Nichols & Schwartz, 2007).

Resultados

Após a análise de conteúdo foram elaborados quatro Categorias Temáticas: Categoria I – Percepções dos participantes sobre o *sexting*; Categoria II – Motivos que levam ao envolvimento em *sexting* ativo; Categoria III - Consequências para o adolescente e para a família do compartilhamento não autorizado do *sexting*; Categoria IV - Aspectos familiares e o envolvimento em *sexting*.

Percepções dos participantes sobre o *sexting*

Os participantes não conheciam o fenômeno pelo termo *sexting*, mas relataram que é um comportamento comum entre os adolescentes. Todos disseram já ter se envolvido em *sexting* passivo, porém apenas E01 e E06 relataram já terem também enviado fotos suas a alguém que estavam namorando. Entretanto, ela teve suas fotos divulgadas pelo então namorado sem sua permissão, enquanto E06 não as teve.

Com exceção da participante E03, os demais disseram não conhecer nenhum adolescente que nunca tenha, pelo menos, recebido fotos, vídeos ou textos com conteúdo sexual. Além disso, foi unânime a percepção de que o envolvimento em *sexting* passivo “*não é um problema em si*”(E05), mas sim o compartilhamento não autorizado do conteúdo deste, como exemplifica E06: “*se tu namora alguém e tu confia muito [...] Não é uma coisa ruim*”. Entretanto, os entrevistados discordaram em relação

à atitude diante da prática do *sexting* ativo. Para as três meninas entrevistadas, praticar *sexting* ativo, como disse E02: “*é errado. [...] O que eu posso levar de bom disso?*”. Já para os demais entrevistados a prática tanto de *sexting* ativo quanto passivo foi vista como “*normal*”(E04, E05 3 E06).

Quanto à percepção dos participantes sobre quem mais produz e envia imagens de si mesmo, em relação ao sexo, não houve consenso. Entretanto, cinco entrevistados disseram serem os meninos os que mais compartilham conteúdo de *sexting*.

Um fator citado pelos participantes como crucial para a decisão de enviar ou não *sexting* é a confiança. Segundo eles, é preciso que haja “*muita confiança na pessoa a quem se vai enviar*”(E01), seja namorado ou amigo, apenas enviar “*se confiam muito na pessoa*”(E05).

Motivos que levam ao envolvimento em *sexting* ativo

Em relação aos motivos que levam o adolescente a enviar fotos nuas, foram descritas a impulsividade: “*tipo tu não pensa na hora de mandar*”(E01); o sentimento de que não iria acontecer nada de ruim: “*Tu: - 'ah não devia, mas ah vou mandar. Não vai acontecer nada'*”(E03); o desejo de atender ao pedido do namorado e a pressão dos pares: “*tem muitos que mandam só pra agradar o namorado ou o amigo*”(E04); busca por atividade sexual futura: “*mando uma foto pra ela pra ver se ela se toca que eu quero transar com ela*”(E05); expectativa de “*receber imagens de volta*”(E05); o sentimento de prazer em ver a foto do outro nu: “*eu acho que é só o prazer de ver a pessoa pelada*”(E06); a busca por popularidade: “*vai dar hã... mais curtida... vai 'bombar' mais*”(E04); como forma “*de brincadeira*”(E04) entre amigos e para chamar atenção dos pais: “*eu acho que pode ser também uma maneira de chamar atenção deles*”(E03).

Consequências para o adolescente e para a família do compartilhamento não autorizado do *sexting*

Como consequências do compartilhamento do *sexting* para o adolescente, os participantes que não tiveram a experiência de terem suas imagens divulgadas, citaram o julgamento por parte dos amigos e familiares e a “*fama ruim*”(E02) que marca a história da pessoa: “*serão lembradas de vadia, piranha, puta e coisas assim*”(E03); o surgimento de mal-estar psicológico: “*ficaria mal psicologicamente*”(E01); tristeza e desespero: “*ficar muito triste e desesperada*”(E03).

Além dessas percepções, a participante E01, que teve a experiência de ter suas imagens divulgadas, relatou que as consequências para ela foram o sentimento de vergonha e que se isolou socialmente: “*eu nunca mais quis ficar perto das pessoas. Eu me afastei total. De todo mundo*”; sentiu também o que relatou como “*mal-estar psicológico [...] eu senti nojo de mim*”; iniciou o uso de drogas e autolesão, “*me envolvi com drogas e comecei a me cortar*” e sofreu julgamento por parte de amigos e familiares “*eles te julgam muito*”.

Os participantes relataram que as consequências para a família da pessoa que sofreu a exposição indevida seriam o surgimento de “*raiva e vergonha [...] tristeza e decepção*” (E02 e E03) nos pais. Também, que a família sofreria o julgamento dos outros: “*o olhar pra essa família ficaria bem julgado*”(E05).

Aspectos familiares e o envolvimento em *sexting*

Em relação a como os fatores familiares influenciam o envolvimento dos filhos em *sexting* não houve consenso entre os participantes. Os meninos consideraram que os adolescentes percebem o envolvimento em *sexting* de forma diferente do que a família. Conforme E04: “*Para os pais isso não é normal, tá ligado. Só que pros amigos eu acho que é bem mais normal, porque isso aí [o *sexting*] é muito famoso*”. Já as meninas

disseram que tanto elas quanto seus pais veem o envolvimento no fenômeno como errado, como disse E02: *“minha mãe ficaria muito decepcionada [...] Uma coisa tipo, que ela acha muito errada”*.

Quanto à influência do comportamento dos pais na internet, alguns participantes disseram que *“não tem nada a ver com o filho mandar”*(E05). Já outros pensam que *“se os pais mandassem nudez entre eles mesmos, daí eu acho que se o filho soubesse eu acho que influenciaria”*(E04).

Quanto ao monitoramento da vida virtual dos filhos, os participantes disseram que, tanto o controle excessivo dos pais quanto o não monitoramento, ambos influenciam o filho em relação ao envolvimento em *sexting* ativo. Para eles, o controle excessivo da vida virtual dos filhos pelos pais pode incentivar o envolvimento do filho. Segundo eles, os filhos *“podem fazer de birra”* (E05); *“[...] aqueles pais que mais olham, assim, sabe, tão sempre em cima, a maioria dos filhos são os que mais fazem coisa errada”*(E04). Por outro lado, o não monitoramento facilitaria tal envolvimento: *“se deixar muito solto é mais fácil de eles mandarem”*(E03). Portanto, o ideal, conforme os participantes E03 e E06, seria: *“haver um equilíbrio”*.

Os participantes também relataram que a confiança mútua entre pais e filhos e o diálogo na família são fatores que influenciam a atitude dos filhos em relação ao *sexting*. Por exemplo, E02 disse ter muito diálogo na família entre ela, a irmã e mãe: *“a gente conversa sobre tudo”*. A participante E03 disse que a presença afetiva da mãe e sua confiança são responsáveis por sua postura desfavorável sobre o *sexting*: *“Minha mãe sempre foi pai e mãe [...] ela sempre esteve comigo em todos os momentos e conversou comigo sobre todos os assuntos [...] é por isso que eu formei essa opinião”*. Já E01, que praticou *sexting* ativo e teve suas imagens divulgadas, relatou ausência de diálogo e distanciamento entre ela e os pais: *“ninguém conversa com ninguém [...] tu*

[fala de sua mãe] *não olha as minhas coisas e eu não olho as tuas*". A falta de diálogo na família também descrita por E06: *"a gente não conversa muito"*.

Discussão

Os resultados mostram que, assim como descreveu Burkett (2015), apesar de o *sexting* ser praticado pelos adolescentes de forma crescente, eles não costumam utilizar este termo para se referir ao fenômeno. Entretanto, é possível perceber que o envolvimento em *sexting* passivo se dá mesmo que o adolescente não queira, pois, como disseram os entrevistados, é comum receber *sexting* *"mesmo sem pedir"*. Ademais, até mesmo os participantes cuja atitude diante do *sexting* ativo é de desaprovação receberam conteúdo sexual via *smartphone*. Esse resultado é corroborado pelo estudo de Strassberg (2013), que descreveu que o *sexting* passivo foi mais comum do que o ativo.

Os participantes não viram o envolvimento em *sexting* como ruim, não citando nenhuma consequência negativa do envolvimento no fenômeno, mas sim do compartilhamento não autorizado do conteúdo deste. Esse resultado é apoiado pela literatura (Assunção & Matos, 2014; Mejía-Soto, 2014; Strassberg, McKinnon, Sustaíta e Rullo, 2013) e leva à conclusão de que o fenômeno em si não é um problema para os adolescentes, mas parece se encaixar dentro do desenvolvimento da vida sexual deles (Temple & Choi, 2014) e servir como um meio para dar vazão às demandas que essa etapa do ciclo vital lhes impõe. Por exemplo, a busca por novas sensações (Baumgartner, Sumter, Peter, Valkenburg & Livingstone, 2014), a necessidade de pertencimento grupal, a busca por autonomia e a sensação de onipotência (Macedo, Azevedo, Castan, 2010; Steinberg & Morris, 2001). Além disso, por meio da troca de

conteúdo íntimo, o adolescente encontra uma maneira a mais de desenvolver sua sexualidade utilizando uma ferramenta tecnológica que faz parte do seu cotidiano (IBGE, 2016; Korenis & Billick, 2014; Strassberg, McKinnon, Sustaíta, & Rullo, 2013).

Cabe destacar que os entrevistados discordaram em relação à atitude diante da prática do *sexting* ativo. Para as três meninas entrevistadas, praticar *sexting* ativo “é errado”, enquanto para os meninos a prática tanto de *sexting* ativo quanto passivo foi vista como “normal”. Essa discordância pode ser pensada a partir do que descreveram Oliveira, Béria e Schermann (2014) sobre a expectativa dos pais para o início precoce da atividade sexual dos meninos a qual pode contribuir para que estes adquiram tal atitude em relação ao *sexting* ativo, já que os pais veem o início precoce da sexualidade dos meninos como símbolo de maturidade.

Tal diferença de atitude entre os participantes se refletiu também no que eles disseram sobre os motivadores de envolvimento em *sexting* ativo. Para elas, um motivo de enviar imagens seria o desejo de fortalecer a intimidade dentro de um contexto de relacionamento amoroso, o que encontra apoio na literatura (Delevi & Weisskirch, 2013; Drouin et al., 2013; Henderson & Morgan, 2011). Aliás, como se pode perceber, foi exatamente este o motivador do envio de imagens nuas da Entrevistada 1. Por outro lado, os meninos, semelhante ao que mostraram Delevi & Weisskirch (2013), descreveram como um motivador do *sexting* ativo o desejo de atrair alguém a uma possível atividade sexual futura. Já em relação aos motivadores que não envolvem relacionamento amoroso, que são como forma de brincadeira entre amigos, com fim de fortalecer a amizade e como uma moeda de popularidade, a descrição dos participantes encontra eco em alguns estudos (Albury & Crawford, 2012; Ringrose et al., 2012).

No que diz respeito às percepções dos participantes sobre os aspectos familiares e o envolvimento dos adolescentes em *sexting*, destaca-se o que disseram sobre a

importância do diálogo na família e confiança mútua entre pais e filhos. Por exemplo, as entrevistadas 2 e 3 disseram existir diálogo na família e a presença de confiança mútua entre elas e seus pais, o que aponta para a existência de fronteiras nítidas (Nichols & Schwartz, 2007). Elas relacionaram esses aspectos como importantes na definição de suas atitudes desfavoráveis em relação ao *sexting* ativo.

Por outro lado, os Entrevistados 6 e 1, que envolveram-se em *sexting* ativo, relataram haver falta de diálogo na família e a existência de fronteiras rígidas (Nichols & Schwartz, 2007) entre eles e os pais, como disse a Entrevistada 1: “*ninguém conversa com ninguém*”. Apesar de não se poder aqui atribuir relação de causalidade, é necessário notar que a literatura apoia tais percepções, assinalando a importância da comunicação na família e o efeito protetor do diálogo familiar na vida dos adolescentes (Gomide, Salvo, Pinheiro & Mello, 2005; Moscoso-Alvarez, Rodríguez-Figueroa, Reyes-Pulliza e Colon, 2016; Tomé, Camacho, Gaspar De Matos, & Diniz, 2011). Apesar disso, as percepções dos entrevistados confirmam que os pais ainda têm dificuldade de dialogar sobre sexualidade com os filhos (González, Orcasita, Carrillo & Palma-García, 2017; Sevilla, Sanabria, Orcasita, & Palma, 2016).

Embora a literatura mostre que os comportamentos dos pais, inclusive o que fazem na internet (Lam e Wong, 2015) influenciam os dos filhos (Ferreira, Nelas, Duarte, Albuquerque, Grilo & Nave, 2013; Toni & Silveiras, 2016; Moscoso-Alvarez, Rodríguez-Figueroa, Reyes-Pulliza & Colon, 2016), não houve consenso entre os participantes a esse respeito. Alguns disseram que aquilo que os pais fazem dentro e fora da internet não influencia o envolvimento dos filhos em *sexting*, enquanto outros disseram que sim.

Adiciona-se ainda o que os participantes disseram quanto ao tipo de monitoramento dos pais sobre a vida virtual dos filhos e o *sexting*. Para os adolescentes,

o envolvimento em *sexting* ativo pode ser influenciado pelo monitoramento excessivo de suas vidas *online* pelos pais e também pelo não monitoramento, pólos opostos do mesmo comportamento. Diante disso, é oportuno pensar que para o adolescente o não monitoramento dos pais pode significar distanciamento e desinteresse por parte deles em relação ao filho, fato que se observou no relato de E01 e seu consequente envolvimento em *sexting* ativo. Por sua vez, o monitoramento excessivo pode transmitir a sensação de sufocamento e controle, levando os filhos a “*fazer de birra*“. Portanto, o ideal estaria no equilíbrio entre essas duas práticas, como os próprios adolescentes referiram.

Entretanto, especificamente quanto à relação do tipo de monitoramento dos pais e o envolvimento dos filhos em *sexting* ativo, não foram localizados estudos até o momento. Porém, a literatura aponta que o monitoramento parental e a relação positiva com os pais funcionam como fatores de proteção para os adolescentes (Kan, Cheng, Landale, & McHale, 2010; Ciariano, Kliwer, & Rabaglietti, 2009; Roche, Achmed & Blum, 2008). Pode-se pensar, então, que, apesar de o envolvimento em *sexting*, tanto passivo quanto ativo, não ser percebido como problema para os participantes, um fator de proteção residiria na orientação dos pais quanto ao risco de exposição indevida que o envolvimento em *sexting* ativo traz consigo. Se faz importante auxiliar o adolescente na percepção de que, uma vez enviado *sexting*, não se terá mais o controle sobre o que vai acontecer com seu conteúdo. Caso haja o compartilhamento não autorizado, isso pode trazer sérias consequências para sua vida.

Considerações Finais

Por tratar-se de uma pesquisa qualitativa, os resultados deste estudo devem ser entendidos a partir do contexto sociocultural dos participantes. Os adolescentes foram estudantes da região metropolitana de Porto Alegre, RS, e representam uma realidade bastante restrita, não se podendo, assim, fazer afirmações generalizadas a partir dos dados aqui apresentados. Portanto, sugere-se a realização de pesquisas quantitativas que complementem os dados aqui expostos, verificando a prevalência do fenômeno entre os adolescentes brasileiros, identificando outras variáveis e suas associações com o *sexting*. Isso pode auxiliar no melhor entendimento sobre o fenômeno e no desenvolvimento de estratégias para orientação de adolescentes, famílias, profissionais e educadores.

Os resultados deste estudo mostraram que o *sexting* entre adolescentes é um fenômeno comum. Também que, atualmente, é praticamente inevitável que, em algum momento, o adolescente se envolva no fenômeno. Por isso, destaca-se a importância da família em relação à atitude do adolescente frente ao *sexting*. Ela está diretamente implicada no fenômeno, especialmente se o adolescente sofrer exposição pública do conteúdo do *sexting*, pois os pais responderão legalmente por quaisquer implicações resultantes do compartilhamento não autorizado. Além disso, o ambiente familiar também deve ser visto como um importante lugar de fornecimento de informação e orientação sobre sexualidade para o adolescente. Assim, sugere-se que a atitude em relação ao *sexting*, tanto da família quanto dos educadores e dos terapeutas, seja de não qualificar o fenômeno em si como problema, pois ele faz parte da vivência da sexualidade dos adolescentes na atualidade. Antes, os profissionais e os pais devem orientar os adolescentes quanto aos riscos que o compartilhamento não autorizado do

conteúdo do *sexting* e a conseqüente exposição pública trazem consigo. Sugere-se que os pais conversem com os filhos sobre sexualidade, os alertem sobre a possibilidade de exposição da intimidade no mundo virtual e os orientem para o uso saudável das tecnologias de informação e comunicação.

Referências

- Assunção, R. S., & Matos, P. M. (2014). Perspetivas dos adolescentes sobre o uso do facebook: Um estudo qualitativo. *Psicologia Em Estudo*, 19(3), 539–547. <http://doi.org/10.1590/1413-73722133716>
- Albury, K. & Crawford, K., (2012). Sexting, consent and young people's ethics: Beyond Megan's Story. *Continuum: Journal of Media & Cultural Studies* 26(3), 463-473. <http://dx.doi.org/10.1080/10304312.2012.665840>
- Bandura, A. *Social learning theory*. New Jersey: Prentice Hall, 1977.
- Barbosa, A. F. (2015). Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil. TIC kids online brasil 2014.
- Bauer, M. W. (2008). Análise de conteúdo clássica: Uma revisão. In M. W. Bauer., & G. Gaskell (Orgs.), Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático (P. A. Guareschi, trad., 7. ed., pp. 189-217). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Baumgartner, S. E., Sumter, S. R., Peter, J., Valkenburg, P. M., & Livingstone, S. (2014). Does country context matter? Investigating the predictors of teen sexting across Europe. *Computers in Human Behavior*, 34, 157–164. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2014.01.041>
- Bezerra, M. A. R., Queiroz, M. V. O. & Oliveira, K. N. S., (2014). Reflexões acerca do adolescer e da saúde no ambiente escolar. *Journal of Human Growth and Development*, 24(2), 175-180.
- Brasil (1990). Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. *Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências*. Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm
- Burkett, M. (2015). Sex(t) Talk: A Qualitative Analysis of Young Adults' Negotiations of the Pleasures and Perils of Sexting. *Sexuality & Culture*, 19, 835–863. [10.1007/s12119-015-9295-0](https://doi.org/10.1007/s12119-015-9295-0)
- Cable News Network (CNN). (2016, February 17). *How to have the sexting talk with your kids*. Retrieved September 14, 2016, from <http://edition.cnn.com/2016/02/17/health/sexting-talk-with-kids-teens/index.html>
- Chang, F. C., Chiu, C. H., Miao, N. F., Chen, P. H., Lee, C. M., Chiang, J. T., & Pan, Y. C. (2015). The relationship between parental mediation and Internet addiction among adolescents, and the association with cyberbullying and depression.

<https://doi.org/10.1016/j.comppsy.2014.11.013>

- Choi, E. P., Wong, J. Y., Lo, H. H., Wong, W., Chio, J. H., & Fong, D. Y. (2016). The Impacts of Using Smartphone Dating Applications on Sexual Risk Behaviours in College Students in Hong Kong. <http://doi.org/10.1371/journal.pone.0165394>
- Ciariano, S., Kliwer, W., & Rabaglietti, E. (2009). Adolescent risk behavior in Italy and the Netherlands: a cross-national study of psychosocial protective factors. *European Psychologist*, 14(3), 180-192.
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Delevi, R., & Weisskirch, R. S., (2013). Personality factors as predictors of sexting. *Computers in Human Behavior* 29, 2589–2594 <http://dx.doi.org/10.1016/j.chb.2013.06.003>
- Dias, P. C. & I. Cadime. (2017). Protective factors and resilience in adolescents: The mediating role of self-regulation. *Psicología Educativa*, 23(1), 1–7. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1016/j.pse.2017.01.001>
- Dir, A. L., Coskunpinar, A., Steiner, J. L. & Cyders, M. A. (2013). Understanding Differences in Sexting Behaviors Across Gender, Relationship Status, and Sexual Identity, and the Role of Expectancies in Sexting *Cyberpsychology, Behavior and Social Networking* 16(8), 568 – 574. DOI: 10.1089/cyber.2012.0545
- Döring, N. (2014). Consensual sexting among adolescents: Risk prevention through abstinence education or safer sexting?. *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace*, 8(1), article 9. doi:10.5817/CP2014-1-9
- Drouin, M., Vogel, K. N., Surbey, A. & Stills, J. R. (2013). Let's talk about sexting, baby: Computer-mediated sexual behaviors among young adults. *Computers in Human Behavior* 29, 25-30. <http://dx.doi.org/10.1016/j.chb.2012.12.030>
- Englander, E. (2012). Low Risk Associated With Most Teenage Sexting: A Study Of 617 18-Year-Olds. *Massachusetts Aggression Reduction Center*, 1-12.
- Ferreira, M., Nelas, P., Duarte, J., Grilo, C., Nave, F. & Albuquerque, C. (2013). Family culture and adolescent sexuality. *Aten. Primaria* 45(1), 216-222.
- Gomide, P. I. C., Salvo, C. G. De, Pinheiro, D. P. N., Sabbag, G. M., Garcia, S. C., Brino, R. D. F., Thomazi, V. A. (2005). Correlação entre práticas educativas, depressão, estresse e habilidades sociais. *Psicologia Da Educação*, 28(1993), 23–50. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712005000200008>
- Gonçalves, R. C., Faleiro, J. H & Malafaia, G. (2013). Educação sexual no contexto

- familiar e escolar: impasses e desafios. *Holos* 29(5), 25-263.
- González, V., Orcasita, L. T., Carrillo, J. P. & Palma-García, D. M. (2017). Comunicación familiar y toma de decisiones en sexualidad entre ascendientes y adolescentes. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 15(1), pp. 419-430.
- Gordon-Messer, D., Bauermeister, J. A., Grodzinski, A. & Zimmerman, M. (2013). Sexting Among Young Adults. *Journal of Adolescent Health* 52, 301–306. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jadohealth.2012.05.013>
- Henderson, L., & Morgan, E. (2011) "Sexting and Sexual Relationships Among Teens and Young Adults," *McNair Scholars Research Journal*, 7(1), 31-39.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2016). *Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2015*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Kan, M. L., Cheng, Y. A., Landale, N. S. & McHale, S. M. (2010). Longitudinal predictors of change in number of sexual partners across adolescence and early adulthood. *Journal of Adolescent Health*, 46, 25-31.
- Korenis, P., & Billick, S. B. (2014). Forensic implications: Adolescent sexting and cyberbullying. *Psychiatric Quarterly*, 85(1), 97–101. <https://doi.org/10.1007/s11126-013-9277-z>
- Lam, L. T., & Wong, E. M. Y. (2015). Stress moderates the relationship between problematic Internet use by parents and problematic Internet use by adolescents. *The Journal of Adolescent Health: Official Publication of the Society for Adolescent Medicine*, 56(3), 300–6. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2014.10.263>
- Li, X., Li, D., & Newman, J. (2013). Parental behavioral and psychological control and problematic internet use among Chinese adolescents: the mediating role of self-control. *Cyberpsychology, Behavior and Social Networking*, 16(6), 442–7. <https://doi.org/10.1089/cyber.2012.0293>
- Livingstone, S., & Görzig, A. (2014). When adolescents receive sexual messages on the internet: Explaining experiences of risk and harm. *Computers in Human Behavior*, 33, 8–15. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2013.12.021>
- Loaiza, C. E. A., Martínez, M. N., & Klimenko, O. (2017). Estudio sobre las dinámicas familiares de los adolescentes infractores del programa AIMAR del Municipio de Envigado, durante el año 2016. *Revista Katharsis*, 23, 34-59, Disponible en <http://revistas.iue.edu.co/index.php/katharsis>

- Macedo, M. M. K., Azevedo, B. H., Castan, J. U. (2010). Adolescência e Psicanálise. In. M. K. Macedo (org.). *Adolescência e Psicanálise: Intersecções Possíveis*, p. 127-148. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Marola, C. A. G., Sanches, C. S. M. & Cardoso, L. M. (2011). Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. *Psic. Da Ed.* 33(2), 95-118
- Márquez-Cervantes, M. C, & Gaeta-González, M. L. (2017). Desarrollo de competencias emocionales en pre-adolescentes: el papel de padres y docentes. *Revista electrónica Interuniversitaria de Formación del Profesorado*, 20(2), 221-235. <http://dx.doi.org/10.6018/reifop.20.1.232941>
- Mejia-Soto, G. (2014). Sexting: una modalidad cada vez más extendida de violencia sexual entre jóvenes. *Medigraphic.Com*. Retrieved from <http://www.medigraphic.com/pdfs/inper/ip-2014/ip144g.pdf>
- Morelli, M., Bianchi, D., Baiocco, R., Pezzuti, L., & Chirumbolo, A. (2016). Sexting, psychological distress and dating violence among adolescents and young adults. *Psicothema*, 28(2), 137–42. <https://doi.org/10.7334/psicothema2015.193>
- Moscoso-Alvarez, M. R., Rodríguez-Figueroa, L., Reyes-Pulliza, J. C., & Colon, H. M. (2016). Adolescentes de Puerto Rico: Una mirada a su salud mental y su asociación con el entorno familiar y escolar. *Revista Puertorriqueña de Psicología*, 27(2), 320–332.
- Nichols, M. P., & Schwartz, R. C. (2007). *Terapia Familiar: Conceitos e Métodos*. Porto Alegre, RS: Artmed Editora.
- Oliveira, N. de P., Béria, J. U. & Schermann, L. B. (2014) Sexualidade na adolescência: um estudo com escolares da cidade de Manaus/AM. *Aletheia* 43-44, 129-146.
- Ouytsel, J. Van, Ponnet, K., & Walrave, M. (2017). Telematics and Informatics Adolescent sexting from a social learning perspective. *Telematics and Informatics*, 34(1), 287–298. <https://doi.org/10.1016/j.tele.2016.05.009>
- Raphaelli, C. O., Azevedo, M. R & Hallal, P. C., (2011). Associação entre comportamentos de risco à saúde de pais e adolescentes em escolares de zona rural de um município do Sul do Brasil. *Cad. Saúde Pública*, 27(12), 2429-2440.
- Reis, C. D., Almeida, T. A. C., Miranda, M. M., Alves, R. H. & Madeira, A. M. F., (2013). Vulnerabilidades à saúde na adolescência: condições socioeconômicas, redes sociais, drogas e violência. *Artigo Original Rev. Latino-Am. Enfermagem*, 21(2). Recuperado de www.eerp.usp.br/rlae
- Rice, E., Rhoades, H., Winetrobe, H., Sanchez, M., Montoya, J., Plant, A., & Kordic, T.

- (2012). Sexually Explicit Cell Phone Messaging Associated With Sexual Risk Among Adolescents. *Pediatrics*, 130(4), 667–673. <https://doi.org/10.1542/peds.2012-0021>
- Ringrose, J., Gill, R., Livingstone, S. & Harvey, L. (2012). A qualitative study of children, young people and ‘sexting’ : a report prepared for the NSPCC. *National Society for the Prevention of Cruelty to Children*, 5-71.
- Roche, K. M., Achmed, S., & Blum, R. W., (2008). Enduring consequences of parenting for risk behaviors from adolescence into early adulthood. *Social Science & Medicine*, 66,2023-2034.
- Rood, C. J., Thackeray, J., Letson, M., Leder, R., & Berlan, E. (2015). Prevalence of Sexting, Online Solicitations, and Offline Meetings Among Adolescents of a Large Child Advocacy Center With Suspected Sexual Abuse. *Journal of Pediatric and Adolescent Gynecology*, 28(2), e41. <https://doi.org/10.1016/j.jpag.2015.02.024>
- Ruvalcaba, N. A., Gallegos, J., Borges, A. & Gonzalez, N. (2017). Extracurricular activities and group belonging as a protective factor in adolescence. *Psicología Educativa*, 23(1), 1–7. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1016/j.pse.2017.01.001>
- Ruiz-Canela M, López-del Burgo C, Carlos S, Calatrava M, Osorio A, de Irala J. (2012) Familia, amigos y otras fuentes de información asociadas al inicio de las relaciones sexuales en adolescentes de El Salvador. *Rev Panam Salud Publica*, 31(1):54–61.
- Sampaio, I. T. A., & Gomide, P. I. C. (2007). Inventário de estilos parentais (IEP) - Gomide (2006) Percurso de padronização e normatização. *Psicol. Argum.*, 25(48), 15–26.
- Sampasa-kanyinga, H. & Hamilton, H.A. (2015). Use of Social Networking Sites and Risk of Cyberbullying Victimization. *Cyberpsychology, Behavior and Social Networking* 18(12), 704–710. <https://doi.org/10.1089/cyber.2015.0145>
- Sevilla, T. M., Sanabria, J. P., Orcasita, L. T., & Palma, D. M. (2016). Consistencies and Discrepancies in Communication Between Parents and Teenage Children About Sexuality. *Paidéia*, 26(64), 139-147 doi:10.1590/1982-43272664201601
- Spizzirri, R. C. P., Wagner, A., Mosmann, C. P., & Armani, A. B. (2012). Adolescência conectada: Mapeando o uso da internet em. *Psicologia Argumento*, 30(69), 327–335.
- Steinberg, L. & Morris, A. S. (2001). Adolescent Development. *Annu. Rev. Psychol.* 52, 83–110. doi: 0066-4308/01/0201-0083\$14.00

- Strassberg, D. S., McKinnon, R. K., Sustaíta, M. A., & Rullo, J. (2013). Sexting by high school students: An exploratory and descriptive study. *Archives of Sexual Behavior*, 42(1), 15–21. <https://doi.org/10.1007/s10508-012-9969-8>
- Temple, J. R. & Choi, H. (2014). Longitudinal Association Between Teen Sexting and Sexual Behavior. *Perspectives on Sexual and Reproductive Health*, 47(5), 51–52. doi:10.1542/peds.2014-1974
- Temple, J. R., Le, V. D., van den Berg, P., Ling, Y., Paul, J. A., & Temple, B. W. (2014). Brief report: Teen sexting and psychosocial health. *Journal of Adolescence*, 37(1), 33–36. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2013.10.008>
- Terres-Trindade, M., & Mosmann, C. P. (2015). Discriminant profile of young Internet dependents: The role of family relationships. *Paideia*, 25(62), 353–361. <https://doi.org/10.1590/1982-43272562201509>
- Tolman, D. L. & McClelland, S. I. (2011). Normative Sexuality Development in Adolescence: A Decade in Review, 2000–2009. *Journal of Research on Adolescence*, 21(1), 242-255. DOI: 10.1111/j.1532-7795.2010.00726.x
- Tomé, G., Camacho, I., Gaspar De Matos, M., & Diniz, J. A. (2011). A Influência da Comunicação com a Família e Grupo de Pares no Bem-Estar e nos Comportamentos de Risco nos Adolescentes Portugueses. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(4), 747-756. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18821437015>
- Toni, C. G. D. S., & Silveiras, E. F. de M. (2013). Práticas educativas parentais e comportamentos de saúde e risco na adolescência: Um modelo preditivo. *Psicologia Argumento*, 31(400), 457. <https://doi.org/10.7213/psicol.argum.31.074.AO01>
- Turato, E. R. (2008). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Van Ouytsel, J., Van Gool, E., Ponnet, K., & Walrave, M. (2014). Brief report: The association between adolescents' characteristics and engagement in sexting. *Journal of Adolescence*, 37(8), 1387–1391. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2014.10.004>
- Walrave, M., Heirman, W., & Hallam, L. (2014). Under pressure to sext? Applying the theory of planned behaviour to adolescent sexting. *Behaviour & Information Technology*, 33(1), 86–98. <https://doi.org/10.1080/0144929X.2013.837099>
- Wolak, J., Finkelhor, D., & Mitchell, K. J. (2012). How often are teens arrested for

sexting? Data from a national sample of police cases. *Pediatrics*, 129(1), 4–12.
<https://doi.org/10.1542/peds.2011-2242>

Yalom, I. (2000). *Psicoterapia Existencial y Terapia de Grupo*. Barcelona: Paidós.

Zylberkan, M. (2013). *Sexo e internet: quando a exposição pode levar à morte*.

Retirado em Novembro 16, 2016, de <http://veja.abril.com.br/brasil/sexo-e-internet-quando-a-exposicao-pode-levar-a-morte/>

Artigo II – Sexting: o que pensam pais de adolescentes sobre o fenômeno e suas consequências

André Tavares Cardoso
Clarisse Pereira Mosmann

Resumo

O *sexting* é definido na literatura como o comportamento de produzir e enviar ou receber fotos, vídeos ou textos de conteúdo sexual explícito. Pesquisas tem se concentrado em estudar o *sexting* entre adolescentes, porém no Brasil elas ainda são escassas. Além disso, estudos internacionais relacionados ao fenômeno abordam, de forma geral, aspectos voltados à individualidade dos adolescentes. Portanto, o objetivo dessa pesquisa qualitativa e descritiva foi conhecer a percepção de pais de adolescentes sobre o comportamento de *sexting*. Foram realizados dois grupos focais em uma escola da região metropolitana de Porto Alegre, RS. Os participantes relataram conhecer o comportamento de *sexting*, porém não sabiam como lidar com o envolvimento dos filhos no fenômeno. A maior preocupação relatada foi com a exposição pública do adolescente, e não tanto com o envolvimento em *sexting*. Ressalta-se a importância da comunicação familiar e propõe-se que sejam pensadas intervenções que visem melhorar a comunicação entre pais-filhos. Sugere-se a realização de pesquisas com os próprios adolescentes, tanto para investigar como eles compreendem e lidam com o fenômeno, quanto para conhecer prevalências e associações com outros construtos.

Palavras-chave: Sexting; Adolescência; Família; Psicologia Sistêmica;

Abstract

Sexting is defined in the literature as the behavior of producing, sending or receiving photos, videos or texts with explicit sexual content. Research has focused on studying *sexting* among adolescents, but in Brazil they are still scarce. In addition, international research related to the phenomenon generally addresses aspects related to the individuality of adolescents. Therefore, the purpose of this qualitative and descriptive research was to know the perception of parents of adolescents about behavior of sexting. Two focus groups were gathered at a school in the metropolitan region of Porto Alegre, RS. Participants reported knowing the behavior of sexting, but did not know how to deal with the involvement of the children in the phenomenon. The greatest concern reported was with adolescent public exposure, rather than with engaging in sexting. The importance of family communication is emphasized and it is proposed that interventions be designed to improve communication between parent-child as well as strategies for the development of healthier borders between them. Since the present study addressed only the parents, it is suggested to conduct research with adolescents,

both to investigate how they understand and deal with the phenomenon, and to know prevalence and associations with other constructs.

Key-words: Sexting; Adolescence; Family; Systemic Psychology;

Introdução

O comportamento de produzir e enviar ou receber conteúdos sexuais pela internet é definido na literatura como *sexting*. Trata-se da contração das palavras em inglês *sex* – sexo – e *texting* – enviar mensagens de texto pelo celular. Esse fenômeno vem recebendo atenção dos pesquisadores devido ao aumento do uso de celulares e *smartphones*, especialmente pelos jovens. O que as pesquisas mostram é que a maioria dos adolescentes tem acesso à internet através do aparelho celular, o que torna o envolvimento em *sexting* muito fácil (Korenis & Billick, 2014; Rice, Rhoades, Winetrobe, Sanchez, Montoya, Plant & Kordic, 2012; Strassberg, McKinnon, Sustaíta, & Rullo, 2013).

Nos Estados Unidos, Korenis e Billick (2014) mostraram que, dentre os adolescentes de 12 a 17 anos de sua pesquisa, a maioria (84%) possuía aparelho celular e o utilizava em média 50 horas por semana, a metade enviava e recebia cerca de 50 mensagens de texto e um terço deles uma média de 100 mensagens por dia através das diferentes redes sociais da internet. Já no Brasil, um levantamento feito em 2013 pela Secretaria Nacional da Juventude (SNJ) para analisar o perfil dos jovens brasileiros, mostrou que 80% deles usavam computadores e internet, sendo que 89% tinham celular, que em 2014 tornou-se o meio mais utilizado para acessar a internet (IBGE, 2016).

Essa intensidade e velocidade com que os jovens utilizam as tecnologias de comunicação, em especial o *smartphone*, podem trazer consigo alguns riscos, como por exemplo, a exposição da vida íntima publicamente (Assunção & Matos, 2014). Em Los

Angeles, adolescentes com idades entre 12 e 18 anos, revelaram usar as redes sociais diariamente por tempo indeterminado e conheciam alguém envolvido em algum tipo de exposição de fotos ou vídeos íntimos na internet (Rice et al., 2012). No ano de 2009, a consequência desse tipo de exposição foi trágica para a família de uma jovem americana. Conforme noticiado pela Cable News Network – CNN - (“How to have sexting”, 2016) a jovem tirou a própria vida depois de ter suas fotos nuas publicadas na internet. O mesmo aconteceu no Brasil, nos Estados do Piauí e do Rio Grande do Sul onde, por causa da exposição que sofreram nas mídias sociais, duas jovens cometeram suicídio. Ambas tiveram imagens íntimas suas compartilhadas na internet sem seus consentimentos (Zylberkan, 2013).

Quanto às razões que levam os adolescentes a se envolverem em comportamentos de *sexting*, jovens mexicanos citaram problemas de identidade sexual, baixa autoestima, perceber-se socialmente discriminado, ser aluno novo na turma, tentar impressionar a outro com uma prova de amor e que a internet poderia suprir suas curiosidades sobre sexo (Mejía-Soto, 2014) De forma semelhante, jovens de 20 países europeus citaram a idade, busca por novas sensações e frequência de uso da internet como fatores que levam ao *sexting* em todos os países pesquisados, sendo os meninos mais envolvidos do que as meninas (Baumgartner, Sumter, Peter, Valkenburg, & Livingstone, 2014; Walrave, Heirman, & Hallam, 2014). Esse resultado em relação ao gênero foi também descrito em outros estudos (Morelli, Bianchi, Baiocco, Pezzuti, & Chirumbolo, 2016; Rice et al., 2012; Van Ouytsel, Van Gool, Ponnet, & Walrave, 2014).

Entretanto, em relação à idade, não há consenso na literatura se são os adolescentes mais novos ou não os mais envolvidos em *sexting*. Na Inglaterra, os adolescentes mais velhos comparados aos mais novos estiveram mais envolvidos no

fenômeno (Livingstone & Görzig, 2014). O mesmo foi encontrado no estudo já mencionado de Rice et al. (2012). Em contrapartida, nos EUA o *sexting* foi bastante prevalente entre os menores de 14 anos (Rood, Thackeray, Letson, Leder, & Berlan, 2015). Sendo assim, cabe pensar quais outros fatores influenciariam o envolvimento dos adolescentes em *sexting*. Por exemplo, a literatura mostra que, de forma geral, os comportamentos dos pais influenciam os dos filhos (Ferreira, Nelas, Duarte, Albuquerque, Grilo & Nave, 2013; Toni & Silvares, 2016; Moscoso-Alvarez, Rodríguez-Figueroa, Reyes-Pulliza & Colon, 2016) e isso leva a questionar se o mesmo aconteceria em relação ao *sexting*.

Apesar de existirem estudos associando aspectos sistêmicos familiares e comportamento dos adolescentes, eles não focam especificamente o *sexting*. Por exemplo, Moscoso-Alvarez, Rodríguez-Figueroa, Reyes-Pulliza e Colon (2016) pesquisaram a relação entre aspectos familiares e a saúde mental de adolescentes de Porto Rico, indicando que a família, especialmente a comunicação entre pais e filhos, teve um papel importante na saúde mental dos adolescentes. Portanto, uma vez que a literatura aponta que a comunicação entre os subsistemas na família é fundamental para uma boa interação entre eles (Nichols & Schwartz, 2007; Vasconcellos, 2013) e que o diálogo com os pais tem efeito protetor na vida dos adolescentes (Gomide, Salvo, Pinheiro & Mello, 2005; Tomé, Camacho, Gaspar De Matos, & Diniz, 2011), pode-se questionar se o mesmo acontece em relação ao *sexting*, isto é, se a comunicação entre pais e filhos está associada ao envolvimento destes no fenômeno.

De forma semelhante, Lam e Wong (2015) estudaram a influência dos fatores parentais no vício de internet dos filhos. Os autores concluíram que a saúde mental dos pais e seus comportamentos na internet influenciam o vício de internet dos filhos. Ainda na China (Chang et al., 2015), o maior monitoramento, colocação de regras e promoção

da educação para o uso seguro da internet pelos pais estiveram negativamente associados ao *Cyberbullying*, que é a prática de utilizar a internet para excluir socialmente, insultar, ofender, embaraçar, molestar, ameaçar ou envergonhar outra pessoa (Korenis & Billick, 2014; Sampasa-kanyinga & Hamilton, 2015). Por fim, Li e Newman (2013), ao estudarem uso problemático de internet entre adolescentes e comportamento dos pais, também relataram algo semelhante.

Tais resultados, porém, se referem ao contexto chinês, mas e quanto ao brasileiro? Qual a compreensão que os pais têm de sua influência sobre o que os filhos fazem na internet e, especialmente, sobre o envolvimento em *sexting*? É importante observar que os estudos apresentados até aqui se referem à literatura internacional, pois no Brasil eles ainda são escassos. Em uma busca feita no portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) com os descritores “*sexting*” AND “adolescente” AND “família”, não foram identificados estudos nacionais. Entretanto, algumas pesquisas têm se dedicado a investigar os comportamentos dos adolescentes, seu padrão de uso da internet e as possíveis associações a fatores familiares, com os quais se pode fazer uma aproximação ao fenômeno do *sexting*.

Por exemplo, Terres-Trindade e Mosmann (2015) apontaram que o conflito entre mãe e filho(a) está relacionado ao vício de Internet e que o suporte emocional materno parece servir de proteção contra o surgimento de tal vício. Entretanto, a prática de controle excessivo do uso da internet aliada a desentendimentos familiares por esse motivo não diminui a dependência, mas a fomenta. Além disso, os jovens perceberam o controle dos pais sobre o uso da internet como negativo. As autoras sugerem que é importante estar atento ao papel dos pais como associado ao surgimento da dependência de internet.

Na mesma direção, Toni e Silveiras (2016) pesquisaram a influência direta das

práticas educativas parentais sobre os comportamentos de proteção e risco à saúde em adolescentes de escolas públicas dos estados do Paraná e São Paulo. Eles revelaram que as práticas parentais são preditoras de competência social, internalização e externalização, além de serem determinantes de comportamentos de risco e proteção à saúde dos adolescentes. Entretanto, no contexto brasileiro, os estudos indicam que as práticas de acompanhamento dos pais daquilo que os filhos fazem na internet (Spizzirri, Wagner, Mosmann, & Armani, 2012) e de diálogo entre pais e adolescentes sobre dificuldades cotidianas são escassas (Reis, Almeida, Miranda, Alves & Madeira 2013). Talvez, como foi descrito em um estudo na Colômbia, essa carência de comunicação faça com que os adolescentes se sintam sozinhos para a resolução dos seus problemas (Loaiza, Martinez & Klimenko, 2017), facilitando seu envolvimento em *sexting*. Assim, pode-se pensar que a atitude dos pais e o modo como monitoram o comportamento virtual dos filhos influencie o envolvimento destes no fenômeno.

Em resumo, devido às consequências emocionais, psicossociais e legais do envolvimento em *sexting*, é importante para adolescentes, pais, educadores e terapeutas entenderem este fenômeno e seu impacto na vida dos jovens. Adiciona-se a isso o fato de que, além de não terem sido localizados estudos brasileiros sobre o *sexting*, as pesquisas internacionais abordam quantitativamente, de forma geral, aspectos voltados à individualidade dos adolescentes. Assim, ainda se carece de estudos nacionais que se aproximem de forma exploratória e qualitativa acessando outros construtos que podem estar relacionados e repercutir no envolvimento do adolescente em *sexting*, como por exemplo, o papel das relações familiares. Portanto, o objetivo do presente estudo foi conhecer a percepção dos pais de adolescentes acerca do comportamento de *sexting* em adolescentes.

Método

Delineamento

Foi feita uma pesquisa qualitativa (Creswell, 2010), de caráter exploratório e descritivo para entender os significados individuais ou coletivos que as pessoas atribuem a determinados fenômenos e o que estes representam (Gibbs, 2009; Turato, 2008).

Participantes

Os participantes foram cinco pais e doze mães de adolescentes (Brasil, 1990) com faixa etária entre 12 e 18 anos de uma escola pública da região metropolitana de Porto Alegre, com ou sem envolvimento em *sexting*, de conhecimento dos pais. Os indivíduos foram selecionados por meio de divulgação da pesquisa na escola e também por indicação. Aqueles que aceitaram foram convidados a compor dois Grupos Focais, conforme descrito na *Tabela 1*.

Tabela 1. Caracterização dos participantes dos Grupo A e B

Participante	Idade	Tempo de relacionamento	Profissão	Escolaridade	Idade do(s) filho(s)	Experiência do filho com Sexting
GRUPO A						
Mãe A1	50	8 anos	Professora	Ens. Superior	Menina 15	Não
Mãe A2	48	19 anos	Revisora	Ens. Fundamental	Menina 15	Sim
Mãe A3	48	30 anos	Aux. Administrativo	Ens. Médio	Menina 14	Não
Mãe A4	45	6 anos	Pedagoga	Ens. Superior	Menina 14	Não
Pai A1	42	Divorciado	Téc. Mecânico	Ens. Médio	Menina 12	Não sabe
Pai A2	53	Não informou	Matrizeiro	4ª série	Menino de 13	Não
Pai A3	47	22 anos	Comerciante	Ens. Médio	Meninas: 15 e 11	Não
GRUPO B						
Mãe B1	48	Não informou	Autônoma	Ens. Fundamental	Meninas: 15 e 13	Não
Mãe B2	43	26 anos	Do Lar	4ª série	Meninos: 12 e 13	Não
Mãe B3	48	27 anos	Industriaria	Ens. Médio	Meninos: 12, 16 e 18	Não
Mãe B4	42	Divorciada	Do lar	Ens. Médio	Menino 12	Não
Mãe B5	31	13 anos	Assistente Administrativo	Ens. Médio	Meninas: 14 e 7	Não
Mãe B6	62	43 anos	Aposentada	Ens. Fundamental	Menina 15	Não
Mãe B7	38	21 anos	Diarista	Ens. Médio	2 meninos	Não
Mãe B8	44	Não informou	Doméstica	5ª série	Menina 14	Não sabe

Pai B1	64	43 anos	Aposentado	Ens. Fundamental	Menina 15	Não
Pai B2	41	21 anos	Vigia	Ens. Médio	Meninos: 9 e 17	Não

Instrumentos

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram um questionário sociodemográfico para caracterização dos participantes, elaborado pelos autores, e o Grupo Focal (Flick, 2009; Minayo, Souza, Constantino, & Santos, 2008). Foram utilizadas as seguintes questões temáticas disparadoras: 1) O que você conhece sobre o compartilhamento de conteúdo íntimo sexual pelos adolescentes? 2) Quais seriam, em sua opinião, os motivos que levam os adolescentes a se envolverem em compartilhamento de conteúdo íntimo sexual? 3) Alguém do grupo já vivenciou com os próprios filhos ou conhece alguma família que experienciou envolvimento dos filhos em compartilhamento de conteúdo íntimo sexual? Como foi essa experiência? Quais foram as consequências percebidas? Como reagiriam se acontecesse com seus filhos? 4) O que você pensa sobre as consequências do envolvimento em compartilhamento de conteúdo íntimo sexual dos filhos para a família? 5) Como você percebe a relação entre o seu próprio comportamento virtual, o tipo de monitoramento sobre a vida virtual dos filhos e o *sexting* ?

Procedimentos de coleta e análise dos dados

Após o fornecimento de autorização escrita por parte da direção da escola e da aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Unisinos, sob o parecer CAAE 62448016.7.0000.5344 para a realização da pesquisa, fez-se a divulgação da proposta para os pais. No total 32 pessoas manifestaram interesse e se inscreveram na secretaria da escola. A explicação dos objetivos e as etapas da pesquisa foram fornecidas por meio

de telefonema. Dentre os pais que concordaram participar, o pesquisador então procedeu um sorteio para compor os grupos. Em seguida, comunicou aos participantes a data e o horário para virem até a escola. Compareceram sete pessoas no primeiro dia e 12 no segundo.

As etapas dos grupos focais com os pais foram: (a) Acolhimento; (b) Abertura – apresentação do pesquisador, assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice III), informações gerais sobre os objetivos do encontro e sobre como ele ocorreria; preenchimento do questionário sociodemográfico (c) Aquecimento – leitura de uma reportagem ilustrativa de compartilhamento de conteúdo íntimo sexual para introdução à discussão (“Vítimas de vazamentos de ‘Nude Selfies’”, 2014); (d) Discussões Temáticas (e) Encerramento. O pesquisador esteve atento para que todos os integrantes do grupo expusessem seus pontos de vista e interagissem nos debates (Flick, 2009). Durante a realização dos Grupos Focais, as conversações dos participantes foram registradas em áudio e vídeo. Todas as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos foram respeitadas, conforme orientações da Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. As conversações do grupo focal foram examinadas utilizando-se o método de análise de conteúdo (Bauer, 2008). Os dados foram agrupados em categorias *a posteriori* (Gibbs, 2009) e discutidos à luz da teoria sistêmica (Nichols & Schwartz, 2007).

Resultados

Grupo A

O grupo A foi composto por quatro mães e três pais e não havia casais no grupo. Quando foi perguntado se conheciam o termo “*sexting*”, todos foram unânimes em dizer que não. Porém, quando o pesquisador perguntou se conheciam o comportamento dos adolescentes de enviar e receber conteúdo sexual pela internet, todos responderam

que sim e que percebem que o fenômeno é comum. Para eles, a maior preocupação era com a exposição do adolescente caso houvesse compartilhamento do *sexting*, como disse a Mãe A1: “*o problema é eles começarem a repassar*”.

Uma característica relevante do Grupo A foi que uma das mães participantes – a Mãe A2 – compartilhou a própria experiência do envolvimento da filha em *sexting*. Tal compartilhamento fez com que os participantes agissem de forma empática com a Mãe A2, numa tentativa de acolhimento e proteção.

Grupo B

O Grupo B foi composto por oito mães e dois pais, dentre os quais havia um casal, a saber, o Pai B2 e a Mãe B7. Os participantes relataram não conhecer o termo *sexting*. Porém, todos disseram conhecer o comportamento dos adolescentes de receber ou enviar conteúdo sexual. Os participantes desse grupo também disseram não ser tanto o envolvimento dos filhos em *sexting* o que mais preocupa, mas sim a exposição pública, caso o conteúdo viesse a ser compartilhado na internet, como disse a Mãe B3: “*se vazar sim, mas se não vazar[...] se ficar só entre eles, eu acho que coisa íntima deles, beleza!*” e também a Mãe B5: “*naquele momento sim, só que amanhã eles brigam e a outra parte vai usar daquilo pra se vingar*”.

Fatores associados ao *sexting*

Quanto aos fatores que levam os adolescentes a se envolverem em comportamentos de *sexting*, os participantes de ambos os grupos citaram a busca por popularidade como principal fator associado ao envolvimento. Isso apareceu em frases como da Mãe A1: “*Foi uma promoção pro menino, né [...] ele quis se promover*”. Também da Mãe B3: “*é um exibicionismo!*”.

Em seguida aparecem questões vinculadas ao desenvolvimento: a influência de outras pessoas, como os pares e a mídia, a imaturidade e a curiosidade. Esses conteúdos são expressos em falas como as do Pai A2: “*eu acho que o que leva são amizades diferentes*”; do Pai A3: “*Ele nasceu nessa tecnologia. [...] vê um Big Brother. Aí tá lá aquela mulherada lá... tomando banho, filmando[...]*”; da Mãe A1: “*agradar o outro eu acho. No grupo, né?*”.

Sobre a influência de outras pessoas, chama atenção que os pais, tanto do Grupo A quanto do B, também disseram que tentar agradar o(a) namorado(a) seria um fator que leva ao *sexting*. Isso pode ser percebido nas falas da Mãe A2: “*ele (namorado) entrou na mente dela. Foi induzindo ela e ela mandou as fotos*” e B5: “*tentar agradar o parceiro*”.

Os pais dos dois grupos também pensam que a imaturidade dos adolescentes é um importante fator que leva ao *sexting*, como disse o Pai A1: “*Eu acho que eles ainda não têm essa maturidade de pensar*”; a Mãe A1: “*Assim, não tem essa maturidade*”; e a Mãe B1: “*Mas [...] são crianças*”. Ainda, a curiosidade é apontada por todos os pais como tendo um papel importante. Eles dizem: Pai A2: “*Bate aquela sede de ver uma mulher pelada, um homem pelado, entendeu?*”; e a Mãe A2: “*curiosidade!*”; e ainda o Pai B1: “*eles têm uma curiosidade*”.

Em relação a como os próprios comportamentos podem repercutir no envolvimento dos filhos em *sexting*, houve divergência nas opiniões entre os pais nos dois grupos. O monitoramento da vida virtual dos filhos foi a forma mais descrita pelos participantes de ambos os grupos como influenciadora. Entretanto, há divergências quanto ao tipo e a frequência de monitoramento. Há pais que relataram a necessidade de muito controle, como identifica-se nas seguintes falas: Mãe A2: “*Tem que participar de tudo ali*” e a Mãe B4: “*tem que olhar sempre*” e o casal formado pela Mãe B7 e Pai B2:

“a gente tá sempre em cima deles”. Por outro lado, diferentes pais disseram que tal monitoramento é fomentador, como relata a Mãe A5: *“Só que é aquela coisa: se tu forçar eles fazem escondido”*; e a Mãe B5: *“às vezes tu proíbe[...] ela vai tentar fazer”*. Há também alguns pais que apontaram que a sua falta de monitoramento levaria ao envolvimento em *sexting*, como disse a Mãe A2: *“Só que a gente fica relapso. Tu não vai lá tá do lado dela”*

Quanto ao comportamento dos pais na internet, os participantes de ambos os grupos disseram que ele se relaciona ao envolvimento em *sexting* dos filhos. Eles concordaram que os responsáveis devem dar o exemplo aos filhos sobre quais comportamentos seriam corretos e quais não. No Grupo A, a Mãe A3 compartilhou que a filha pegou o celular do pai e visualizou conteúdo sexual que o mesmo recebera de colegas de trabalho: *“Aí ela pegou e disse: ‘nossa, que tanto vídeo pornô que o pai tem naquele celular. Que vergonha, né pai!’”*; A mãe disse que repreendeu o companheiro, exortando-o sobre a necessidade de dar o exemplo. Isso foi endossado pela Mãe A2: *“tu tem que ter o respeito em casa pra passar pra elas”*; e pelo pai A1: *“ensinar teu filho a respeitar a nudez, ou respeitar outra pessoa”*.

Os participantes do Grupo A relataram que o exercício da autoridade e a colocação de regras pelos pais quanto ao uso da internet seriam preventivos ao *sexting*. A Mãe A1 disse: *“Acho que o pai tem que se impor”*, o que foi apoiado pelo Pai A3: *“Não, eu sou autoridade na minha casa”*, referindo-se a como conduzir o uso da internet na família.

Por fim, os participantes do Grupo B disseram que ampliar as oportunidades de os adolescentes se ocuparem em outras atividades além da internet ajuda a prevenir o envolvimento em *sexting*. Segundo eles, *“dar tarefas aos filhos e ocupar a mente deles”*, conforme a Mãe B7 e *“oferecer um outro caminho”*, segundo a Mãe B5 são

maneiras de prevenção. Também concordaram que a ausência dos pais em casa quando vão para o trabalho facilita o envolvimento dos filhos em *sexting*, pois, como disse a Mãe B7, a ausência dos pais “*deixa os filhos muito livres*”.

Consequências para o adolescente

Quanto às consequências que o envolvimento em *sexting* traz para os adolescentes, os participantes dos dois grupos relataram como prejudicial a exposição pública, como falou o Pai A1: “*tipo uma foto dela cair no mundo e aparecer num site pornô. Ou os amiguinhos da própria turma da sala espalhar pra escola toda*”; a Mãe A2: “*Toodo mundo ficou sabendo!*” e a Mãe B3: “*E se vazar? Esse é o medo da internet hoje*”. Outras consequências prejudiciais apontadas seriam o aparecimento de sintomas internalizantes, como tristeza e isolamento, conforme relata a Mãe A2: “*teve (consequências) psicologicamente. Daí ela chorou um monte, me contou e ficou isolada*”. Também o desencadeamento de vergonha, depressão e de sofrer bullying, como ilustram as palavras da Mãe A1: “*Vergonha, depressão, ser tachado*”; da Mãe B3: “*vergonha, né*” e Mãe B5: “*ser ridicularizado*”.

Consequências para a família

A Mãe A2 relatou como consequências para a família do adolescente envolvido em *sexting* o aparecimento de culpa: “*é a gente que é culpado. Eu me sinto culpada*”; raiva: “*deu vontade de dar (bater) nela. Porque com a raiva que eu tava na hora*”; e tristeza: “*Chorei bastante*”. Tais relatos foram corroborados pelos demais pais do Grupo A, que descrevem ainda o julgamento por parte dos amigos e parentes como consequência para a família, conforme o Pai A1: “*ah, daí vão cair de pau em ti*”; a Mãe

A2: “*Isso aí! A família [...] eles condenam primeiro*”. Entretanto, os participantes do Grupo B apenas relataram a vergonha como consequência para a família, como disse a Mãe B3: “*a vergonha que passa a família*”.

Um aspecto unânime relatado pelos participantes dos dois grupos foi que o envolvimento em *sexting* leva a família a ter que lidar com questões legais, como o envolvimento em polícia. Foi o que demonstraram as falas da Mãe A2: “*Tive que dar parte na delegacia*”; e da Mãe B5: “*Aí tu vai na polícia*”.

Formas de lidar com o *sexting*

Em relação às formas de lidar com o envolvimento dos filhos em *sexting* os pais dos dois grupos disseram não saber como proceder. Isso foi apontado nas falas da Mãe A2: “*Só que tu não sabe o que fazer*”; do Pai A1: “*É que nem tu sabe o que tu vai fazer*” e da Mãe B3: “*não tem como a gente saber o que fazer*”.

Entretanto, os pais consideraram o diálogo com o adolescente e o apoio emocional como as formas com as quais lidariam com a situação, como se pode ver nas falas do Pai A3: “*tu tratar com carinho*”; da Mãe A3: “*eu converso com ela*”; “*eu vou dar todo o apoio pra minha filha*”.

Discussão

Tanto os participantes do Grupo A quanto do B disseram conhecer o comportamento de produzir e enviar ou receber conteúdo sexual pelos adolescentes, apesar de não se referirem ao fenômeno pelo nome de *sexting*. De forma geral, a percepção dos pais foi de que se trata de um fenômeno comum e atual. Essa percepção se coaduna com os resultados de Rice et al. (2012), que relataram alta taxa de envolvimento dos adolescentes de seu estudo. Entretanto, a maior preocupação dos pais

pareceu ser, na verdade, não a prática do *sexting* em si, mas sim da exposição do adolescente, caso o conteúdo venha a se tornar público. Esse medo da exposição pública também foi descrito por Assunção & Matos (2014).

Também, é relevante observar a participação, no Grupo A, da mãe que compartilhou a experiência de envolvimento da filha em *sexting* e a consequente exposição pública das imagens. O que os resultados mostram é que, de fato, o vazamento das imagens foi que trouxe problemas à essa família e não a prática do *sexting*. Além disso, esse relato de experiência talvez tenha reverberado (Yalom, 2000) no Grupo A e influenciado as conversações dos participantes, pois eles podem ter se contido em seus comentários numa tentativa de não ferir a Mãe A2. O que é exemplificado em falas do tipo “*eu choraria também*” (Pai A1) e “*tu não pode te culpar*” (Pai A3). Entretanto, o mesmo não ocorreu no Grupo B, pois não houve relato de experiência de nenhum dos participantes, o que deu a eles maior liberdade, tanto para se expressarem mais abertamente quanto a falarem de forma mais hipotética: “se acontecesse comigo eu...”. Apesar disso, a preocupação recaiu também sobre o medo da exposição pública e não sobre o envolvimento dos filhos em *sexting*.

Os pais relataram que a curiosidade e tentar impressionar a outro, como o(a) namorado(a), por exemplo, através do envio de imagens sexuais seriam fatores que conduziram o adolescente ao *sexting*. Esse aspecto é apoiado pelos resultados do estudo com jovens mexicanos (Mejía-Soto, 2014). Da mesma forma, Walrave, Heirman e Hallam (2014) descreveram que os amigos e os pares românticos são as maiores fontes de pressão para que os adolescentes se envolvam em *sexting*. Quanto à descrição de que a curiosidade seria outro fator que conduz o adolescente ao *sexting*, a mesma encontra eco no que foi descrito por jovens europeus (Baumgartner et al., 2014). Sendo assim, pode-se pensar que a curiosidade e a vontade de agradar o outro sejam características

próprias da adolescência, as quais se manifestam também em outros comportamentos dessa fase da vida, como por exemplo, no uso de drogas (Reis, Almeida, Miranda, Alves & Madeira 2013) e podem não estar especificamente ligadas ao *sexting*.

Discute-se ainda que, os participantes disseram que o envolvimento em *sexting* serviria para os adolescentes satisfazerem a curiosidade sobre sexo. Nesse sentido, ressalta-se a importância da comunicação familiar acerca da sexualidade na adolescência. A literatura já demonstrou que o diálogo na família tem efeito protetor para os adolescentes (Gomide, Salvo, Pinheiro & Mello, 2005; Tomé, Camacho, Gaspar De Matos, & Diniz, 2011). Entretanto, o diálogo entre pais e adolescentes, especialmente sobre assuntos de internet e sobre sexualidade, bem como monitoramento de suas atividades virtuais parecem não fazer parte das práticas de muitas famílias brasileiras (Spizzirri, Wagner, Mosmann, & Armani, 2012; Reis, Almeida, Miranda, Alves & Madeira, 2013).

Todos os participantes concordaram que os pais influenciam o que os filhos fazem na internet, tanto pela forma de monitoramento quanto por seus próprios comportamentos na internet, o que é confirmado pela literatura (Moscoso-Alvarez, Rodríguez-Figueroa, Reyes-Pulliza, & Colon, 2016; Lam e Wong, 2015; Sampaio & Gomide, 2007; Toni & Silvares, 2013). Porém, quanto ao tipo de monitoramento dos filhos, a percepção deles oscilou entre dois extremos: o não monitoramento e o muito controle. Sobre esse último aspecto não há consenso entre os pesquisadores, como mostraram alguns estudos sobre vício de internet. Por exemplo, Chang et al. (2015) e Li, Li, & Newman, (2013) mostraram que o monitoramento restritivo dos pais reduziu o vício de internet nos filhos, já Terres-Trindade e Mosmann (2015) concluíram que o controle excessivo dos pais fomentou tal vício. Além disso, pesquisas brasileiras mostraram que os pais têm pouco ou nenhum conhecimento do que os filhos fazem

quando estão conectados (Barbosa, 2015; Spizzirri, Wagner, Mosmann, & Armani, 2012), confirmando, portanto, a percepção de alguns dos participantes de que o não monitoramento talvez seja um preditor de *sexting*.

Já a percepção dos pais do grupo B, de que os próprios comportamentos na internet não influenciam os dos filhos, não há apoio na literatura. Entretanto, pode-se pensar que através da aprendizagem social (Bandura, 1977) realmente o comportamento dos pais na internet possa servir tanto de estímulo, se os pais também trocam conteúdos sexuais, quanto de prevenção do *sexting* nos filhos. Através da observação daquilo que os pais compartilham na internet, não se restringindo a conteúdos sexuais, mas a naturalização da exposição de suas próprias vidas, é possível que os filhos assimilem alguns comportamentos como permitidos e aceitos ou proibidos.

Diante de tudo isso, pode-se refletir sobre as características das fronteiras (Nichols & Schwartz, 2007) existentes entre os subsistemas pais-filhos. Parece que elas se encontram entre dois extremos na amostra investigada: rígidas ou difusas. A existência desses dois tipos de fronteiras entre pais e filhos explica porque os pais oscilam entre dois extremos: o monitoramento excessivo e o não monitoramento. As fronteiras difusas determinam que o espaço de um se funde no do outro e que os limites existentes na interação não estejam bem definidos. Isso leva ao emaranhamento nas relações, fazendo com que os pais invadam o espaço dos filhos e, assim, controlem de forma exagerada a vida deles, inclusive no ambiente virtual. Já as fronteiras rígidas estabelecem uma separação entre os subsistemas, onde existem barreiras intransponíveis e não há espaço para interações e trocas. A partir desse tipo de relação se compreende o uso que os pais fazem do não monitoramento dos filhos, faz com que estes possam sentir-se negligenciados e que os pais estejam desinteressados e distantes. Torna-se importante, assim, pensar estratégias mais equilibradas de interação, que possam se

situar entre os dois pólos descritos pelos pais, mas sem serem extremistas, especialmente no desenvolvimento de fronteiras mais saudáveis, como as nítidas, onde há trocas entre os membros do sistema, mas também espaço para a individualidade (Vasconcellos, 2013).

Também em relação ao monitoramento, para os participantes do Grupo B, a ausência dos pais de casa quando vão para o trabalho deixa os filhos “*muito livres*” (Mãe B7). Para eles, essa falta da companhia dos pais abriria o caminho aos adolescentes para que se envolvam em *sexting*. Entretanto, talvez existam fatores que vão além do simples distanciamento físico dos pais, pois como foi descrito por Spizzirri, Wagner, Mosmann e Armani (2012), os adolescentes estão acostumados a utilizar a internet de forma solitária, em casa e sem o monitoramento dos pais, estando ou não estes presentes no lar. Talvez a questão principal não seja a distância física, mas sim a distância emocional dos filhos (Loaiza, Martinez & Klimenko, 2017; Reis, Almeida, Miranda, Alves & Madeira, 2013), a qual pode fazer com que eles busquem suprir esse distanciamento com outras pessoas, como nos seus pares (Walrave, Heirman, & Hallam, 2014), inclusive através do *sexting*, o que explicaria, também, a busca pela popularidade relatada nos grupos.

Dentre as consequências que o envolvimento em *sexting* traz para os adolescentes, os pais de ambos os grupos relataram como prejudiciais, além da exposição pública, o aparecimento de sintomas internalizantes, como tristeza, vergonha, isolamento e depressão. Talvez os pais se refiram a essas consequências não como decorrentes do *sexting*, mas sim da exposição pública, caso as imagens sejam compartilhadas. Essas percepções dos participantes não encontram apoio na literatura, pois o envolvimento em *sexting* aparece associado (Assunção & Matos, 2014; Temple et al., 2014), porém não como preditor de tais sintomas.

Como consequências negativas para a família do adolescente, os pais do Grupo A citaram o aparecimento de culpa, raiva, tristeza e vergonha do julgamento por parte dos amigos e parentes. Novamente, essas percepções dos grupos não encontram amparo na literatura, com exceção do envolvimento em questões legais, como referiu a Mãe A2: “*Tive que dar parte na delegacia*”. Conforme Wolak, Finkelhor e Mitchell (2012), pelo fato dos adolescentes serem menores de idade, o envolvimento da família em questões legais é inevitável. Por outro lado, no Grupo B os participantes citaram apenas a vergonha como consequência para a família. Isso parece confirmar, realmente, o efeito da reverberação do relato de experiência da Mãe A2 no Grupo A, o que não ocorreu no Grupo B. Essas percepções dos pais, mais uma vez, conduzem a pensar que a maior preocupação deles seja a exposição pública não apenas do adolescente, mas da família toda, e não tanto a prática do *sexting* em si, o que impacta diretamente na falta do desenvolvimento de estratégias para lidar com o *sexting*.

Diante do exposto, é compreensível que, em relação às formas de como lidar com os adolescentes que se envolvem em *sexting*, os pais descreveram não saber como proceder. Essa desorientação também pode ser percebida pelas oscilações de opinião entre os participantes em vários momentos. Entretanto, todos concordaram que o diálogo e apoio emocional ao filho seriam imprescindíveis, o que parece recair em ideias de senso comum. Talvez esses manejos sejam difundidos como a forma geral pelas quais as famílias devem lidar em situações difíceis com os adolescentes, como sintomas depressivos (Moscoso-Alvarez et al., 2016), competências emocionais (Márquez-Cervantes, & Gaeta-González, 2017), que se aplicam, também, para o *sexting*.

Tudo isso também reflete a percepção dos pais a respeito das formas de prevenção. Quanto a isso, os participantes de ambos os grupos acabaram repetindo o

mesmo que disseram sobre os fatores que pensam ser preditores de *sexting*: o comportamento dos pais na internet, bem como o monitoramento da vida virtual dos filhos, a colocação de regras e autoridade imposta pelos pais. Uma exceção apareceu no Grupo B, que descreveu como importante ampliar o repertório de atividades às quais os filhos podem se envolver além da internet, para “*ocupar a mente*” (Mãe B7). Dentre tais atividades, foi citada a participação em projetos sociais, grupos religiosos ou culturais como preventiva ao envolvimento em *sexting*. Algo semelhante foi encontrado por Ruvalcaba, Gallegos, Borges e Gonzalez (2017) que descreveram que o pertencimento a tais grupos funciona como fortalecedor de inteligência emocional e resiliência em adolescentes, o que poderia tangenciar o envolvimento em *sexting*.

Apesar disso, chama a atenção que essas atividades propostas pelos pais como preventivas são voltadas para os filhos e não para a família. Elas parecem fortalecer ainda mais a permanência de fronteiras rígidas (Nichols & Schwartz, 2007) entre os subsistemas, significando que cada um tem seu próprio tempo e espaço onde devem circular, o que pode indicar aos adolescentes que devem procurar em outros espaços suprir suas demandas, como a curiosidade citada pelos pais. Todavia, a literatura aponta que as interações no ambiente familiar auxiliam no desenvolvimento de capacidades evolutivas dos adolescentes, como, por exemplo, da resiliência para lidar com situações de estresse (Dias & Cadime, 2017), como o *sexting*. Sendo assim, talvez o ideal seria pensar estratégias que envolvam todo o sistema familiar, no sentido de desenvolver formas criativas de interação e comunicação entre os subsistemas (Nichols & Schwartz, 2007).

Considerações Finais

Os resultados deste estudo mostram que o *sexting* entre adolescentes é um fenômeno conhecido pelos participantes. Todos os pais relataram conhecer a prática dos adolescentes de enviar ou receber conteúdo sexual pela internet, mas sem associá-la ao termo *sexting*. Também, para alguns participantes, o *sexting* praticado pelos adolescentes é visto como normal por estes, mas é importante notar que os pais perceberam o envolvimento de seus filhos no fenômeno como negativo devido às consequências do risco de exposição pública, não sendo, portanto, um comportamento desejado por eles.

No entanto, ficou claro que não é o envolvimento dos filhos em *sexting* que traz maior preocupação aos pais, mas sim a exposição pública do adolescente, caso aconteça o compartilhamento não autorizado do *sexting*. Essas constatações servem para orientar pais, pedagogos e terapeutas, especialmente os de família, no sentido de compreenderem um pouco melhor os pensamentos e atitudes dos pais quanto ao fenômeno, mas também de proporem intervenções que visem melhorar a comunicação entre os subsistemas familiares, bem como a delimitação de fronteiras nítidas entre eles.

Além disso, a boa adesão dos pais ao estudo revela o desejo deles de um espaço para falar e receber orientação sobre o *sexting*. Talvez a falta de estratégias e a desorientação dos pais para lidar com o fenômeno possam ser utilizadas como atrativos para formar grupos de intervenção nas escolas, como por exemplo, convocar os pais para trabalhar estratégias preventivas em grupos de psicoeducação.

Por fim, cabe ressaltar que o presente estudo foi realizado apenas com os pais, deixando de fora aqueles que são os principais envolvidos com o *sexting*: os adolescentes. Portanto, a fim de compreender com maior amplitude o fenômeno do *sexting* e poder pensar formas de orientação para pais e filhos é importante a realização de pesquisas também com os adolescentes. Assim, sugere-se a realização de estudos

tanto qualitativos, para se entender o que pensam os adolescentes sobre o fenômeno e como lidam com ele, quanto quantitativos, para se conhecer prevalências e associações com outros construtos.

Referências

- Assunção, R. S., & Matos, P. M. (2014). Perspetivas dos adolescentes sobre o uso do facebook: Um estudo qualitativo. *Psicologia Em Estudo*, 19(3), 539–547. <http://doi.org/10.1590/1413-73722133716>
- Bandura, A. *Social learning theory*. New Jersey: Prentice Hall, 1977.
- Barbosa, A. F. (2015). Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil. TIC kids online brasil 2014.
- Bauer, M. W. (2008). Análise de conteúdo clássica: Uma revisão. In M. W. Bauer., & G. Gaskell (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (P. A. Guareschi, trad., 7. ed., pp. 189-217). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Baumgartner, S. E., Sumter, S. R., Peter, J., Valkenburg, P. M., & Livingstone, S. (2014). Does country context matter? Investigating the predictors of teen sexting across Europe. *Computers in Human Behavior*, 34, 157–164. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2014.01.041>
- Brasil (1990). Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. *Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências*. Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm
- Cable News Network (CNN). (2016, February 17). *How to have the sexting talk with your kids*. Retrieved September 14, 2016, from <http://edition.cnn.com/2016/02/17/health/sexting-talk-with-kids-teens/index.html>
- Chang, F. C., Chiu, C. H., Miao, N. F., Chen, P. H., Lee, C. M., Chiang, J. T., & Pan, Y. C. (2015). The relationship between parental mediation and Internet addiction among adolescents, and the association with cyberbullying and depression. *Comprehensive Psychiatry*, 57, 21–28. <https://doi.org/10.1016/j.comppsy.2014.11.013>
- Dias, P. C. & I. Cadime. (2017). Protective factors and resilience in adolescents: The mediating role of self-regulation. *Psicología Educativa*, 23(1), 1–7. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1016/j.pse.2017.01.001>
- Ferreira, M., Nelas, P., Duarte, J., Grilo, C., Nave, F. & Albuquerque, C. (2013). Family culture and adolescent sexuality. *Aten. Primaria* 45(1), 216-222.
- Gomide, P. I. C., Salvo, C. G. De, Pinheiro, D. P. N., Sabbag, G. M., Garcia, S. C., Brino, R. D. F., Thomazi, V. A. (2005). Correlação entre práticas educativas,

- depressão, estresse e habilidades sociais. *Psicologia Da Educação*, 28(1993), 23–50. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712005000200008>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2016). *Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2015*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Korenis, P., & Billick, S. B. (2014). Forensic implications: Adolescent sexting and cyberbullying. *Psychiatric Quarterly*, 85(1), 97–101. <https://doi.org/10.1007/s11126-013-9277-z>
- Lam, L. T., & Wong, E. M. Y. (2015). Stress moderates the relationship between problematic Internet use by parents and problematic Internet use by adolescents. *The Journal of Adolescent Health: Official Publication of the Society for Adolescent Medicine*, 56(3), 300–6. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2014.10.263>
- Li, X., Li, D., & Newman, J. (2013). Parental behavioral and psychological control and problematic internet use among Chinese adolescents: the mediating role of self-control. *Cyberpsychology, Behavior and Social Networking*, 16(6), 442–7. <https://doi.org/10.1089/cyber.2012.0293>
- Livingstone, S., & Görzig, A. (2014). When adolescents receive sexual messages on the internet: Explaining experiences of risk and harm. *Computers in Human Behavior*, 33, 8–15. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2013.12.021>
- Loaiza, C. E. A., Martínez, M. N., & Klimenko, O. (2017). Estudio sobre las dinámicas familiares de los adolescentes infractores del programa AIMAR del Municipio de Envigado, durante el año 2016. *Revista Katharsis*, 23, 34-59, Disponible en <http://revistas.iue.edu.co/index.php/katharsis>
- Márquez-Cervantes, M. C, & Gaeta-González, M. L. (2017). Desarrollo de competencias emocionales en pre-adolescentes: el papel de padres y docentes. *Revista electrónica Interuniversitaria de Formación del Profesorado*, 20(2), 221-235. <http://dx.doi.org/10.6018/reifop.20.1.232941>
- Mejia-Soto, G. (2014). Sexting: una modalidad cada vez más extendida de violencia sexual entre jóvenes. *Medigraphic.Com*. Retrieved from <http://www.medigraphic.com/pdfs/inper/ip-2014/ip144g.pdf>
- Morelli, M., Bianchi, D., Baiocco, R., Pezzuti, L., & Chirumbolo, A. (2016). Sexting, psychological distress and dating violence among adolescents and young adults. *Psicothema*, 28(2), 137–42. <https://doi.org/10.7334/psicothema2015.193>
- Moscoso-Alvarez, M. R., Rodríguez-Figueroa, L., Reyes-Pulliza, J. C., & Colon, H. M.

- (2016). Adolescentes de Puerto Rico: Una mirada a su salud mental y su asociación con el entorno familiar y escolar. *Revista Puertorriqueña de Psicología*, 27(2), 320–332.
- Ouytsel, J. Van, Ponnet, K., & Walrave, M. (2017). Telematics and Informatics Adolescent sexting from a social learning perspective. *Telematics and Informatics*, 34(1), 287–298. <https://doi.org/10.1016/j.tele.2016.05.009>
- Reis, C. D., Amanda Corrêa de Almeida, T., Mendes Miranda, M., Henrique Alves, R., Moreira Faria Madeira, A., & Adjunto, P. (2013). Vulnerabilidades à saúde na adolescência: condições socioeconômicas, redes sociais, drogas e violência. *Artigo Original Rev. Latino-Am. Enfermagem*, 21(2). Recuperado de www.eerp.usp.br/rlae
- Rice, E., Rhoades, H., Winetrobe, H., Sanchez, M., Montoya, J., Plant, A., & Kordic, T. (2012). Sexually Explicit Cell Phone Messaging Associated With Sexual Risk Among Adolescents. *Pediatrics*, 130(4), 667–673. <https://doi.org/10.1542/peds.2012-0021>
- Rood, C. J., Thackeray, J., Letson, M., Leder, R., & Berlan, E. (2015). Prevalence of Sexting, Online Solicitations, and Offline Meetings Among Adolescents of a Large Child Advocacy Center With Suspected Sexual Abuse. *Journal of Pediatric and Adolescent Gynecology*, 28(2), e41. <https://doi.org/10.1016/j.jpag.2015.02.024>
- Ruvalcaba, N. A., Gallegos, J., Borges, A. & Gonzalez, N. (2017). Extracurricular activities and group belonging as a protective factor in adolescence. *Psicología Educativa*, 23(1), 1–7. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1016/j.pse.2017.01.001>
- Sampaio, I. T. A., & Gomide, P. I. C. (2007). Inventário de estilos parentais (IEP) - Gomide (2006) Percurso de padronização e normatização. *Psicol. Argum.*, 25(48), 15–26.
- Sampasa-kanyinga, H. & Hamilton, H.A. (2015). Use of Social Networking Sites and Risk of Cyberbullying Victimization. *Cyberpsychology, Behavior and Social Networking* 18(12), 704–710. <https://doi.org/10.1089/cyber.2015.0145>
- Spizzirri, R. C. P., Wagner, A., Mosmann, C. P., & Armani, A. B. (2012). Adolescência conectada: Mapeando o uso da internet em. *Psicologia Argumento*, 30(69), 327–335.
- Strassberg, D. S., McKinnon, R. K., Sustaíta, M. A., & Rullo, J. (2013). Sexting by high school students: An exploratory and descriptive study. *Archives of Sexual Behavior*, 42(1), 15–21. <https://doi.org/10.1007/s10508-012-9969-8>

- Temple, J. R., Le, V. D., van den Berg, P., Ling, Y., Paul, J. A., & Temple, B. W. (2014). Brief report: Teen sexting and psychosocial health. *Journal of Adolescence*, 37(1), 33–36. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2013.10.008>
- Terres-Trindade, M., & Mosmann, C. P. (2015). Discriminant profile of young Internet dependents: The role of family relationships. *Paideia*, 25(62), 353–361. <https://doi.org/10.1590/1982-43272562201509>
- Tomé, G., Camacho, I., Gaspar De Matos, M., & Diniz, J. A. (2011). A Influência da Comunicação com a Família e Grupo de Pares no Bem-Estar e nos Comportamentos de Risco nos Adolescentes Portugueses. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(4), 747-756. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18821437015>
- Toni, C. G. D. S., & Silveiras, E. F. de M. (2013). Práticas educativas parentais e comportamentos de saúde e risco na adolescência: Um modelo preditivo. *Psicologia Argumento*, 31(400), 457. <https://doi.org/10.7213/psicol.argum.31.074.AO01>
- Van Ouytsel, J., Van Gool, E., Ponnet, K., & Walrave, M. (2014). Brief report: The association between adolescents' characteristics and engagement in sexting. *Journal of Adolescence*, 37(8), 1387–1391. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2014.10.004>
- Vítimas de vazamentos de 'sexting' e 'nude selfies' dobram no Brasil. (2014, 16 de Abril). Retirado de <https://oglobo.globo.com/sociedade/tecnologia/vitimas-de-vazamentos-de-sexting-nude-selfies-dobram-no-brasil-12190080>
- Walrave, M., Heirman, W., & Hallam, L. (2014). Under pressure to sext? Applying the theory of planned behaviour to adolescent sexting. *Behaviour & Information Technology*, 33(1), 86–98. <https://doi.org/10.1080/0144929X.2013.837099>
- Wolak, J., Finkelhor, D., & Mitchell, K. J. (2012). How often are teens arrested for sexting? Data from a national sample of police cases. *Pediatrics*, 129(1), 4–12. <https://doi.org/10.1542/peds.2011-2242>
- Yalom, I. (2000). *Psicoterapia Existencial y Terapia de Grupo*. Barcelona: Paidós.
- Zylberkan, M. (2013). *Sexo e internet: quando a exposição pode levar à morte*. Retirado em Novembro 16, 2016, de <http://veja.abril.com.br/brasil/sexo-e-internet-quando-a-exposicao-pode-levar-a-morte/>

Considerações Finais

O objetivo deste estudo foi compreender qualitativamente como pensam adolescentes e pais sobre o fenômeno conhecido como *sexting*. A partir de tal compreensão, buscou-se refletir a respeito do papel das interações familiares e o envolvimento dos adolescentes no fenômeno, dentro de uma perspectiva sistêmica. Os dois estudos realizados contribuíram para o conhecimento de percepções sobre o *sexting* e suas consequências para adolescentes e suas famílias.

Primeiramente, com o Estudo com os adolescentes, pode-se identificar como o fenômeno foi visto por eles. Ficou esclarecido que o envolvimento em *sexting* não representou problema para os participantes, mas foi visto como uma forma de vivência da sexualidade por meio de uma ferramenta que faz parte da vida deles. A preocupação recaiu sobre o risco de vazamento do *sexting* e a consequente exposição pública da sexualidade, a qual pode acarretar consequências negativas, como as citadas por eles: vergonha, isolamento, julgamento, depressão, autolesão e etc.

Em seguida, com o Estudo II, ficou claro que, apesar de os participantes terem dito que conheciam o fenômeno, eles não sabiam como lidar com o envolvimento dos filhos em *sexting*. Discutiu-se sobre como o tipo de fronteiras existentes entre pais e filhos contribui, tanto para o envolvimento em *sexting* quanto para a dificuldade de manejo e comunicação sobre sexualidade entre esses subsistemas.

Espera-se que os resultados dessa dissertação sirvam como subsídios para orientar profissionais da área a como abordar o *sexting* com adolescentes e suas famílias no contexto nacional. A perspectiva deve ser de não enquadramento do fenômeno como problemático por si. Os profissionais podem auxiliar as famílias e educadores a ver o

envolvimento em *sexting* como parte da vivência do adolescente sobre sexualidade. É importante pensar que, assim como as gerações passadas, que não tinham a presença da internet e de *smartphones*, mas encontravam formas criativas de viver a sexualidade, a geração atual encontrou nas tecnologias de informação e comunicação um modo idiossincrático de exercitar essa parte importante do desenvolvimento humano.

Uma limitação do estudo foi que as percepções dos pais se basearam hipoteticamente no envolvimento dos filhos em *sexting*. Talvez os resultados mostrassem outras perspectivas, tanto sobre as consequências quanto às formas de lidar, se mais participantes, como ocorreu com a Mãe A2, tivessem vivenciado o envolvimento dos filhos no fenômeno. Por isso, estudos futuros poderiam ser realizados com um número maior de participantes que tenham vivido essa experiência com seus próprios filhos.

Finalmente, sugere-se que os dados da presente pesquisa sejam ampliados com a realização de estudos quantitativos. Eles têm a vantagem de se poder abordar uma amostra mais significativa da população e investigar um número grande de variáveis simultaneamente. Assim, tais estudos possibilitarão conhecer como se dá o envolvimento em *sexting* entre adolescentes também em outras regiões do Brasil. De forma semelhante, se faz mister investigar em um número maior de adolescentes e pais não só suas percepções sobre o fenômeno, mas também as possíveis relações com outros construtos.

Referências

- Bauer, M. W. (2008). Análise de conteúdo clássica: Uma revisão. In M. W. Bauer., & G. Gaskell (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático* (P. A. Guareschi, trad., 7. ed., pp. 189-217). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Baumgartner, S. E., Sumter, S. R., Peter, J., Valkenburg, P. M., & Livingstone, S. (2014). Does country context matter? Investigating the predictors of teen sexting across Europe. *Computers in Human Behavior*, *34*, 157–164. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2014.01.041>
- Bezerra, M. A. R., Queiroz, M. V. O. & Oliveira, K. N. S., (2014). Reflexões acerca do adolescer e da saúde no ambiente escolar. *Journal of Human Growth and Development*, *24*(2), 175-180.
- Brasil (1990). Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. *Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências*. Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm
- Gibbs, G. (2009). Análise de dados qualitativos. Porto Alegre: Artmed.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2016). *Acesso à Internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2015*. Rio de Janeiro: IBGE.
- Macedo, M. M. K., Azevedo, B. H., Castan, J. U. (2010). Adolescência e Psicanálise. In. M. K. Macedo (org.). *Adolescência e Psicanálise: Intersecções Possíveis*, p. 127-148. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Mello, D. (2016). Pesquisa: 80% da população brasileira entre 9 e 17 anos usam a internet. Retrieved from <http://agenciabrasil.ebc.com.br/pesquisa-e-inovacao/noticia/2016-10/pesquisa-80-da-populacao-brasileira-entre-9-e-17-anos-usam>
- Portela, G. (2014). Cyberbullying e casos de suicídio aumentam entre jovens. *Agência Fiocruz de Notícias*: Rio de Janeiro, 2014. Retirado de: <https://agencia.fiocruz.br/cyberbullying-e-casos-de-suicidio-aumentam-entre-jovens>

ANEXO I – Carta de aceite da Instituição



Escola Estadual de Ensino Médio La Salle
Rua Ervino Bradbury, 65 B. Imigrante - Campo Bom/RS
(51) 3597-1688
www.lasallecampobom.com.br
E-mail: eee.lasalle@terra.com.br

CARTA DE ACEITE

Campo Bom, 22 de setembro de 2016.

Eu, Eluze Oliveira Schaidhauer ID 2474700-87, diretora da Escola Estadual de Ensino Médio La Salle de Campo Bom, aceito a pesquisa Sexting: O que pensam adolescentes e pais sobre o fenômeno.

Atenciosamente,

Direção

Eluze Oliveira Schaidhauer
Diretora
I.D. 2474700/01
D.O 26.01.2016

Apêndice I – Termo de Assentimento do adolescente



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação
Comitê de Ética em Pesquisa

TERMO DE ASSENTIMENTO

Meu nome é André Tavares Cardoso, sou mestrando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos e estou realizando uma pesquisa com o objetivo de conhecer a percepção dos adolescentes e pais acerca do compartilhamento de conteúdo íntimo sexual pelos jovens por meio da internet. Considerando a relevância do assunto, a sua colaboração é muito importante para que possamos entender melhor este fenômeno.

Se você aceitar participar irá dar uma entrevista, que ocorrerá na escola em turno diferente do horário de aula, o qual será previamente informado. As informações coletadas serão confidenciais, utilizadas somente para fins de estudo, serão gravadas em áudio e vídeo e guardadas pelo pesquisador pelo período de cinco anos.

Como participante desta pesquisa, você poderá desistir de colaborar a qualquer momento, sem nenhum prejuízo ou comprometimento futuro. Os riscos possíveis que a pesquisa oferece são de que você sinta algum desconforto durante a realização da entrevista, caso isso aconteça e seja necessário, o pesquisador providenciará o encaminhamento para atendimento psicológico junto ao PAAS da UNISINOS. Sinta-se à vontade para solicitar esclarecimentos sobre os processos envolvidos e tirar suas dúvidas. Você também poderá solicitar os resultados da pesquisa após a conclusão do estudo.

Para quaisquer esclarecimentos você poderá contatar o pesquisador Psic. André Tavares Cardoso (51) 8424-6435. Este termo será assinado em duas vias, ficando uma em poder do participante e outra com o pesquisador.

Local e data: _____, _____ de _____ de 201__.

Nome

Assinatura do(a) participante

André Tavares Cardoso

Nome

Assinatura do pesquisador

CEP – UNISINOS
VERSÃO APROVADA
Em: 16/12/2016

Apêndice II – TCLE do Responsável pelo Adolescente



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação
Comitê de Ética em Pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Meu nome é André Tavares Cardoso, sou mestrando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos e estou realizando uma pesquisa com o objetivo de conhecer a percepção dos adolescentes e pais acerca do compartilhamento de conteúdo íntimo sexual pelos jovens por meio da internet. Considerando a relevância do assunto, a colaboração do seu(a) filho(a) é muito importante para que possamos entender melhor este fenômeno.

Para que ele possa participar você deve autorizá-lo a dar uma entrevista, que ocorrerá na escola em turno diferente do horário de aula, o qual será previamente informado. As informações coletadas serão gravadas em áudio e vídeo, porém confidenciais e utilizadas somente para fins de estudo. Também serão guardadas pelo pesquisador pelo período de cinco anos.

Como participante desta pesquisa, seu(a) filho(a) poderá desistir de colaborar a qualquer momento, sem nenhum prejuízo ou comprometimento futuro para ele(a). Os riscos possíveis que a pesquisa oferece são de que o participante sinta algum desconforto durante a entrevista, caso isso aconteça e seja necessário, o pesquisador providenciará o encaminhamento para atendimento psicológico junto ao PAAS da UNISINOS. Sinta-se à vontade para solicitar esclarecimentos sobre os processos envolvidos e tirar suas dúvidas. Você e seu(a) filho(a) também poderão solicitar os resultados da pesquisa após a conclusão do estudo.

Para quaisquer esclarecimentos você poderá contatar o pesquisador Psic. André Tavares Cardoso (51) 8424-6435. Este termo será assinado em duas vias, ficando uma em poder do responsável e outra com o pesquisador.

Eu, _____ autorizo meu(a) filho(a)
_____ a participar deste estudo.

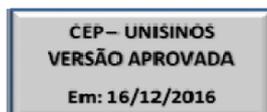
Local e data: _____, _____ de _____ de 201__.

Nome

Assinatura do(a) responsável

André Tavares Cardoso
Nome

Assinatura do pesquisador



Apêndice III – TCLE dos Pais



UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
Unidade Acadêmica de Pesquisa e Pós-Graduação
Comitê de Ética em Pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Meu nome é André Tavares Cardoso, sou mestrando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos e estou realizando uma pesquisa com o objetivo de conhecer a percepção dos adolescentes e pais acerca do compartilhamento de conteúdo íntimo sexual pelos jovens por meio da internet. Considerando a relevância do assunto, a sua colaboração é muito importante para que possamos entender melhor este fenômeno.

Para que possa participar você deve assinar o presente termo a fim de compor um grupo de discussão que ocorrerá na escola junto com outros pais, o qual será previamente agendado. As informações coletadas serão confidenciais e utilizadas somente para fins de estudo. As discussões do grupo serão gravadas em áudio e vídeo e guardadas pelo pesquisador pelo período de cinco anos.

Como participante desta pesquisa, você poderá desistir de colaborar a qualquer momento, sem nenhum prejuízo ou comprometimento futuro para si. Os riscos possíveis que a pesquisa oferece são de que o participante sinta algum desconforto durante a realização do grupo, caso isso aconteça e seja necessário, o pesquisador providenciará o encaminhamento para atendimento psicológico junto ao PAAS da UNISINOS. Sinta-se à vontade para solicitar esclarecimentos sobre os processos envolvidos e tirar suas dúvidas. Você também poderá solicitar os resultados da pesquisa após a conclusão do estudo.

Para quaisquer esclarecimentos você poderá contatar o pesquisador Psic. André Tavares Cardoso (51) 8424-6435. Este termo será assinado em duas vias, ficando uma em poder do responsável e outra com o pesquisador.

Eu _____ concordo em participar deste estudo.

Local e data: _____, _____ de _____ de 201__.

Nome Assinatura do(a) responsável

André Tavares Cardoso
Nome Assinatura do pesquisador

